9ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS, 13ª EXTRAORDINÁRIA REUNIÃO DA COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA E 10ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS, DA 1ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 53ª LEGISLATURA,
REALIZADA NO DIA 04 DE ABRIL DE 2007, ÀS 10 HORAS E 08 MINUTOS.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Declaro aberta a 13ª Reunião Extraordinária conjunta, esta da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, com a 10ª Reunião Extraordinária da Comissão de Assuntos Sociais, e a 9ª Reunião Extraordinária da Comissão de Assuntos Econômicos, da 1ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura.

Solicito a dispensa das Atas das reuniões anteriores, e as coloco em votação. Os Senadores que concordam permaneçam como se encontram. Aprovado, com o sinal positivo do Senador Zambiasi e o Senador Flávio na mesma linha. Aprovada.

Essa Audiência Pública foi uma solicitação dos três Senadores do Rio Grande, e depois com o adendo feito também pelo Senador Flávio Arns. O Senador que preside, o Senador Zambiasi e o Senador Simon.

Por uma questão de justiça, e na linha da transparência e da verdade, eu queria informar essas três Comissões que reúnem hoje com a presença de todas as partes interessadas que vou listar em seguida, que já houve uma série de procedimentos para discussão, esclarecimento sobre a compra da Refinaria IPIRANGA com as partes envolvidas, ou seja, PETROBRÁS, ULTRA, BRASKEM, e os representantes dos trabalhadores. E vou aqui fazer um... Vou discorrer rapidamente.

No dia 28 de março, ocorreu uma Audiência Pública na Câmara dos Deputados envolvendo a bancada gaúcha e quatro Comissões. Estou certo? No mesmo dia, às 16h, recebi em meu gabinete todos os investidores e os três sindicatos que representam os trabalhadores. No final da tarde, Senador Zambiasi, eu, Senador Zambiasi e Senador Simon recebemos no gabinete do Senador Simon os três investidores na compra da Refinaria IPIRANGA. Ocorreu também, conforme informações que recebemos, o encontro da Governadora do Estado do

Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, acompanhada do Secretário correspondente com os investidores.

Por último, houve uma Audiência Pública na Assembléia do Rio Grande do Sul com o objetivo de dar esclarecimento aos fatos. E esta é a reunião que envolve as três Comissões aqui no Senado. Desta reunião vão participar... Nós faremos duas mesas. Num primeiro momento Américo Genzini Filho, Diretor da ULTRAPAR Participações S/A, em seguida, o Sr. Alexandrino de Alencar, Vice-Presidente das Relações Institucionais da BRASKEM, em seguida, o Sr. José Lima de Andrade Neto, Gerente-Executivo da unidade de negócio petroquímica e fertilizantes do petróleo brasileiro, PETROBRÁS. Segunda Mesa, Sr. José Marcos Olioni, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Destilação e Refinaria de Petróleo de Rio Grande, SINDPETRO. E em seguida, Sr. Ângelo Carlos Martins e Silva, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Comércio de Minério e Derivado de Petróleo, SINTRAMICO. Logo após, Sr. Carlos Heitor Rodrigues, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Petroquímicas de Triunfo/RS, SINDIPOLO, e fechando daí essa segunda Mesa, em seguida vamos para os debates, teremos então representando nesta Mesa ainda a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, o Deputado Adão Roberto Rodrigues Villaverde que é um dos vice-Presidente da Assembléia do Estado do Rio Grande do Sul.

Eu vou propor para iniciar os nossos debates que cada expositor disponha do tempo de 10 minutos. E depois nós recebemos um convite quando encerrarmos essa atividade, para que a gente visite aqui a exposição que a PETROBRÁS está fazendo aqui no Salão Negro, se não me engano. Salão Negro do Senado.

Então de imediato eu passo a palavra ao Sr. Américo Genzini Filho, Diretor da ULTRAPAR por dez minutos. Se preferem trocar eu troco, não há problema nenhum. Então, passamos a palavra para o Sr. José Lima de Andrade Neto, representando aqui a PETROBRÁS.

SR. JOSÉ LIMA DE ANDRADE NETO: Senador Paulo Paim, Srs. Senadores, senhores e senhoras, representantes dos trabalhadores aqui presentes, a PETROBRÁS se sente honrada em estar aqui trazendo os esclarecimentos da sua posição em relação a esta operação, e como bem já colocou o Senador Paulo Paim, a gente vem num movimento de transparência indo a todos os fóruns que temos sido convidados, buscando sintonizar os interesses empresariais, os interesses da empresa com os demais interesses da sociedade, interesses legítimos da sociedade. Então a idéia aqui é fazer uma rápida apresentação para não alongar muito, para permitir então as perguntas, mostrando qual é a essência e por que é que a operação foi feita, e obviamente depois cada uma das empresas fará das suas motivações específicas. Por favor.

Bem, talvez eu possa ir falando então enquanto a gente não perder tempo. Essa operação como nós vamos colocar é uma operação

importante, do ponto de vista do setor nacional, é uma operação que envolve quatro grandes empresas brasileiras, quatro grandes empresas de porte no Brasil, com marcas e nomes conhecidos no Brasil, de um lado na ponta compradora a PETROBRÁS, o GRUPO ULTRA e a BRASKEM, e do outro lado uma empresa tradicional, uma empresa conhecida, uma empresa com a marca forte é a empresa IPIRANGA. Uma empresa que nasceu no Rio Grande do Sul, mas que cresceu no Brasil inteiro e que tem uma marca forte no Brasil inteiro. Essas três empresas, então, PETROBRÁS, BRASKEM e GRUPO ULTRA adquiriram as ações e portanto adquiriram a posse dos ativos da empresa do GRUPO IPIRANGA e nós vamos falar em linhas gerais quais as motivações e aonde é que vai se inserir cada parte o que é que se pensa em relação a esses negócios. Por favor, podemos passar.

Bem, a PETROBRÁS e o GRUPO ULTRA e BRASKEM concluíram entendimentos para a aquisição de negócios do GRUPO IPIRANGA criando perspectivas para o crescimento e consolidação de setores petroquímicos e de distribuição de combustíveis. É importante enfatizar o seguinte, a indústria petroquímica mundial ela vem crescendo, vem se reorganizando, os atores internacionais na indústria petroquímica são cada vez maiores, dependem de investimento em tecnologia e dependem cada vez mais de plantas e de projetos de grande escala, que o se chama hoje de escala mundial. Empresas de pequeno porte, empresas menores, salvo, especificamente de nichos de mercado, têm tido muita dificuldade de crescer.

Então, há um entendimento na indústria nacional, há entendimento no setor petroquímico nacional de que seria importante o fortalecimento dos grupos petroquímicos brasileiros, buscar grupos que de fato tenham competitividade, não só em nível regional, mas principalmente em nível global porque essa uma indústria de nível global.

Então essa é uma motivação que levou os atores a fazer esse movimento. Ao adquirir os negócios da IPIRANGA reforça os compromissos com o crescimento do Brasil com o Rio Grande do Sul. Ou seja, as três empresas são empresas que vêm investindo, que querem continuar investindo, a PETROBRÁS os senhores e as senhoras sabem muito bem que vem investindo significativamente, lá no Rio Grande do Sul investimos na REFAP, foi investimento significativo de mais de um bilhão de dólares recentemente crescendo o fornecimento de matéria-prima e novos investimentos certamente deverão decorrer por conta desses movimentos que estão em curso.

Então, essa operação ela visa em última instância o crescimento das empresas que estão envolvidas e o crescimento dos negócios que estão envolvidos. O valor da operação, o negócio como um todo foi estimado em quatro bilhões de dólares, sendo que a PETROBRÁS nas duas partes que lhe compete uma parte da distribuição e uma parte de petroquímica, um valor da ordem de 1.3 bilhão de dólares, a BRASKEM

1.1 bilhão de dólares e o GRUPO ULTRA complementa. Só que a forma que como o GRUPO ULTRA vai fazer é na troca de ações do próprio GRUPO ULTRA que é uma empresa que tem ações negociadas em bolsa, empresas no mercado e vai permutar ações complementando então... Permutar com os detentores de ações preferencialistas do grupo para que então complete o valor de toda a operação que está sendo pensada. Ou seja, há um desembolso por parte da PETROBRÁS de 1.3, da BRASKEM de 1.1 e o valor restante é desembolsado pelo GRUPO ULTRA na forma de ações do GRUPO ULTRA que serão permutados pelas ações preferencialistas das empresas que estão sendo adquiridas.

Então, o GRUPO ULTRA passa a ter duas grandes marcas. Aí um dado importante, o GRUPO ULTRA que já tem a marca da ULTRAGAZ na distribuição de GLP vai continuar com a sua marca ULTRAGAZ e vai na distribuição de combustíveis utilizar a marca IPIRANGA. Ou seja, a marca IPIRANGA ela não desaparece no mercado. Sabemos que é uma marca importante, sabemos que é uma marca que tem história no Rio Grande do Sul, que tem história no Brasil, é um nome forte junto aos consumidores nacionais e por isso o GRUPO IPIRANGA decidiu preservar e nas negociações foi nessa linha de que o GRUPO ULTRA utilizará a marca IPIRANGA. A PETROBRÁS, que também está comprando uma parte da distribuição de combustíveis, aproximadamente 25% do volume de combustíveis está ficando com a PETROBRÁS, a PETROBRÁS vai usar a marca IPIRANGA no norte e nordeste e centro-oeste até um prazo de cinco anos, que é o prazo que ela terá para fazer o rebandeiramento dos postos da sua rede para então passar a usar a marca BR que é a nossa marca, a marca da PETROBRÁS. Mas a marca IPIRANGA continuará existindo sendo utilizadas pelo GRUPO ULTRA.

Bem, como é que ficaram os três principais negócios? Obviamente que tem outros negócios menores, mas os três principais negócios como é que ficaram? Na negociação, isso foi uma negociação, essa negociação não foi só com os revendedores, mas teve uma negociação entre os compradores. E na negociação entre os compradores a distribuição de combustíveis da rede... Falando um pouco do GRUPO IPIRANGA. O GRUPO IPIRANGA tem quatro mil duzentos e quarenta postos no Brasil, é uma rede importante, é uma rede que tem uma marca forte, é a segunda maior empresa do setor, ela só perde hoje para a rede da própria PETROBRÁS, para a rede da BR, a petroquímica tem uma capacidade de produção de 730 mil toneladas através da própria IPQ. É líder no mercado brasileiro de polietileno de alta densidade e compartilha com a BRASKEM o controle da COPESUL. Na verdade, isso aqui é um dado importante que precisa ser deixado claro, acho que algumas pessoas sabem, mas para todos a BRASKEM e a IPIRANGA já controlavam o grupo COPESUL. Embora a PETROBRÁS participasse do controle acionário das ações da COPESUL, o controle acionário era partilhado entre o grupo BRASKEM e o GRUPO IPIRANGA. Esses eram os controladores lá da COPESUL. E na área de refino, tem uma refinaria de petróleo mais antiga, uma refinaria que tem história

no Brasil, a Refinaria IPIRANGA, tem uma pequena capacidade, 17 mil barris por dia, mas tem toda uma história, tem toda uma tradição no Brasil. Então esse grupo, é o grupo que foi objeto da operação, em 2006 a receita consolidada do grupo foi 30 bilhões de reais e geração de caixa da ordem um bilhão e um lucro de quinhentos e trinta e quatro bilhões. Então esse é basicamente o negócio que foi objeto da operação e cujo valor estimado desse negócio que aí está apresentado é da ordem de quatro bilhões de dólares. Por favor. O Projeto passa por várias etapas, uma etapa de adquirir as ações dos controladores, a ULTRAPAR faz uma oferta pública para a compra das ações ordinárias de tergalong(F), depois tem uma oferta pública para fechamento da capital da COPESUL, a ULTRAPAR realiza incorporações das ações da CBPI, e finalmente a ULTRAPAR pega os ativos e repassa na proporção daquilo que foi combinado e foi acertado.

Na verdade, essa é uma operação que leva algum tempo, tem algumas etapas e que se estima que até o final deste ano estará concluída. [soa a campainha] Ok.

E por último, como é que ficaram os negócios? A distribuição de combustíveis, o GRUPO ULTRA consolidará as regiões sul e sudeste, a PETROBRÁS ficará com norte e nordeste e centro-oeste na parte de distribuição dos combustíveis, no setor petroquímico aquilo que está sendo comprado a PETROBRÁS ficará com 40% e o grupo BRASKEM com 60% dos ativos petroquímicos do grupo, e na área de refino de petróleo houve um acordo entre as empresas porque havia uma preocupação muito grande de todos com relação ao destino da refinaria e houve um acordo da empresa que nós deveríamos a participação em um terço. Cada um teria um terço para assumir a refinaria e manter essa refinaria operando com o compromisso de manter operando e mais, de estabelecer mecanismos, estudar mecanismos de dar uma viabilidade, de dar um novo destino, ampliar ou buscar outras formas para que se viabilize no longo prazo, a nossa refinaria, a refinaria da IPIRANGA.

Então, por conta disso foi criado, inclusive numa reunião com a presença do Senador Paulo Paim, a pedido dele também, a PETROBRÁS informou ao Senador que nós estaríamos construindo um grupo para estudar os destinos, estudar as alternativas que podem ser colocadas, e nesta reunião foi solicitado e foi prontamente aceito também pelo Diretor Paulo Roberto da PETROBRÁS naquele momento e pelos demais sócios na refinaria de que tivéssemos também participando do grupo a representação dos trabalhadores, a representação para que possamos juntos discutir como é que vamos estar encaminhando soluções para a refinaria.

Então, em linhas gerais, essa foi a operação. Os objetivos de um lado foi um grupo brasileiro querendo entrar na distribuição que era o GRUPO ULTRA, que queria entrar na distribuição, um grupo brasileiro que tinha várias famílias querendo vender a sua posição e dentro do

lado da petroquímica um interesse de consolidação, de crescimento e de investimento no setor petroquímico motivo pelo qual houve então esse entendimento entre a BRASKEM e a PETROBRÁS no sentido de juntos fazerem esses investimentos. Então em linhas gerais essa que foi Srs. Senadores, senhores presentes, as motivações macro da operação.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Muito bem. Nós agradecemos ao Sr. José Lima Neto, que é Presidente aqui por erro da Assessoria. Não foi meu. Me desculpe. Presidente do grupo petroquímico e fertilizantes, o petróleo brasileiro, PETROBRÁS, representando aqui oficialmente a PETROBRÁS.

Nós combinamos que será 10 minutos para cada expositor com a tolerância de mais cinco, se for necessário. Passamos a palavra de imediato ao Sr. Alexandrino de Alencar, Vice-Presidente de Relações Institucionais da BRASKEM. Se me permite, eu queria só primeiro anunciar a presença também do Sr. Gerson Medeiros, conselheiro representante dos trabalhadores no Conselho de Administração da COPESUL e também registro a presença da FUP, Federação Única dos Petroleiros e do Sindicato dos Químicos Petroleiros da Bahia.

SR. ALEXANDRINO DE ALENCAR: Muito bom dia, Senador Paulo Paim, cumprimento os Senadores presentes, em especial a bancada gaúcha do Senado. Gostaria primeiro de iniciar apresentando a BRASKEM. A BRASKEM é uma empresa petroquímica, a maior empresa petroquímica da América Latina, é uma empresa brasileira, genuinamente brasileira e ela pauta desde a sua fundação em 16 de agosto de 2002 por uma transparência em todos os movimentos empresariais que faz, tanto é que naquela data nós divulgamos na imprensa o nosso compromisso público com a sociedade como um todo, e realmente é um grande diferencial e nós nos orgulhamos muito disso.

A BRASKEM ao longo desses quatro anos que ela existe ela tem crescido o faturamento dela 30% ao ano, e nós pretendemos, depois do ciclo dela, dela completar 10 anos, ela se tornar uma das 10 maiores empresas petroquímicas do mundo em valor de mercado. Temos a nossa estratégia, uma estratégia forte de crescimento, temos crescimentos normais em petroquímica como esse da própria aquisição do braço petroquímico do GRUPO IPIRANGA que com isso ela tem dois focos extremamente interessantes, primeiro a integração da primeira e segundo a geração petroquímica, modelo esse que foi... Que nós realizamos na Bahia com enorme sucesso e agora estamos fazendo no Rio Grande do Sul porque entendemos que vai dar uma competitividade muito grande, e o segundo aspecto é que a força do GRUPO IPIRANGA é numa especialidade que chama-se polietileno de alta densidade onde ele realmente tem o diferencial e isso dentro do nosso portfólio vai nos dar mais competitividade e não há menor dúvida que vai trazer um enorme benefício aos clientes e ao mercado brasileiro porque nós vamos trazer novas tecnologias e novos conhecimentos de mercado de modo que a indústria de terceira geração que é a indústria realmente

que está mais na ponta do cliente, tenha um fornecedor de alta qualidade, um fornecedor que possa competir internacionalmente.

Outro crescimento que nós vamos também, estamos fazendo, é crescimento de internacionalização da empresa. Nós temos um Projeto muito forte na Venezuela, nós deveremos em breve já andando com um Projeto de mais de dois bilhões de dólares na Venezuela de modo que nós possamos fornecer também graças ao nosso conhecimento técnico e tecnologia de se avançar e tornarmos cada vez mais uma empresa com musculatura de modo a competir internacionalmente.

Temos em especial no Rio Grande do Sul polietilenos e polipropilenos na Venezuela. É um pólo novo. É um pólo vindo de gás natural que é uma matéria-prima... Vai entrar junto com a PEQUIVEN que é a petroquímica venezuelana.

Outro foco que nós temos bem forte, em especial no Rio Grande do Sul é um Projeto chamado Geraplast, que é um Projeto de estímulo à terceira geração, de atração de empresa de terceira geração no Estado. Porque no Estado do Rio Grande do Sul ainda até hoje só converte, só agrega valor em 10% da produção que tem no pólo petroquímico no Rio Grande do Sul e nós queremos ver se em quatro ou cinco anos a gente consegue chegar a 25% do pólo do Rio Grande do Sul agregando valor ao Estado gerando emprego ao Estado. Temos junto com a PETROBRÁS esse relacionamento forte, temos agora em 2008, ano que vem, estaremos entrando em operação em Paulínia, uma fábrica de polipropileno, onde nós temos a parceria com a PETROBRÁS, 60% BRASKEM, 40% PETROBRÁS onde também a própria refinarias que estão a montante do Projeto que é a refinaria de REPLAN vai estar agregando valor às cadeias dos produtos da PETROBRÁS e também vai se estar criando um novo pólo de modo a suprir o mercado brasileiro de cresce numa velocidade bastante interessante que o plástico cresce no Brasil três vezes o que cresce o PIB. Então ano passado nós crescemos o mercado de plástico aproximadamente 10%.

Então você de três em três anos você tem que estar construindo fábricas novas. Também para a informação de vocês, nos últimos quatro anos a BRASKEM investiu cerca de 2,5 bilhão de reais em projetos, em melhorias nas nossas fábricas e aplicações nas nossas fabricas e em saúde, segurança e meio ambiente também. Um investimento extremamente forte nisso aí. E agora com a aquisição do GRUPO IPIRANGA, nós já anunciamos um investimento no Estado do Rio Grande do Sul de 700 milhões de reais, esses investimentos serão ao longo dos próximos três anos, 2007, 2008 e 2009, com entrega de mais produtos, nós prevemos aumentar a produção de resinas em 280 mil toneladas, estamos prevendo também colocar mais um forno de eteno no forno de nafta na COPESUL, uma produção de mais 180 mil toneladas de eteno e que isso vai dar com outros co-produtos alguma coisa em torno de 75O mil toneladas de produtos como um todo, com investimento de 700 milhões de reais, um investimento altamente

competitivo, e isso deve gerar um aumento de faturamento no pólo petroquímico do Rio Grande do Sul algo em torno de 1,5 bilhão de reais por ano. Ou seja, o Estado do Rio Grande do Sul terá além de novos investimentos, nova geração de riquezas. Em função desse nosso crescimento nos últimos quatro anos a geração de empregos na BRASKEM aumentou 25%, sempre com compromisso muito forte com as pessoas, e sempre com as pessoas tendo novos horizontes pelo crescimento e novos desafios. Quanto aos clientes, queremos dizer que nós estamos acompanhando fortemente o crescimento de mercado, o crescimento de novas aplicações, a BRASKEM ela tem orgulho de ser uma das empresas pioneiras na questão de inovação e desenvolvimento de novos produtos e quase todos eles desenvolvidos no pólo petroquímico de Triunfo onde nós temos a base tecnológica, temos mais de 180 pesquisadores trabalhando no pólo do sul, temos mais de 350 milhões de reais em investimentos em laboratórios em plantas pilotos, já depositamos mais de 154 patentes de tecnologia, sendo várias internacionais. Por favor, Senador.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): [pronunciamento fora do microfone]

SR. ALEXANDRINO DE ALENCAR: Microfone.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Não é que eu queira intervir, apenas já para esclarecer. Esse investimento importante que os senhores têm no Rio Grande do Sul tem iguais no Brasil em outros lugares, em outros Estados? Investimento tecnológico?

SR. ALEXANDRINO DE ALENCAR: Não. No Rio Grande do Sul a concentração...

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Nos outros Estados têm alguma coisa parecida?

SR. ALEXANDRINO DE ALENCAR: Muito pequeno. 90% eu lhe diria que está no Rio Grande do Sul. E com essa aquisição da IPIRANGA que também tem sua competência em inovação de tecnologia, eu acho que nós vamos criar uma massa diferenciada na questão de tecnologia. A BRASKEM já tem patentes em nanotecnologia que é um estudo avançado da tecnologia na questão de polímeros, e temos, e essas parcerias nós temos com as universidades locais, como a FAURGS, como a ULBRA, e realmente isso nos estimula muito. E também eu gostaria aqui de deixar bem claro para vocês, principalmente o pessoal do Rio Grande do Sul, e acho que do Brasil como um todo, todos os compromissos que a IPIRANGA têm em relação a responsabilidade social e a projetos culturais serão mantidos, serão preservados, que nós entendemos que isso é de extrema importância para as comunidades que estão próximos desse ativos todos do GRUPO IPIRANGA. Eu queria deixar aqui com o Senador Paim [soa a campainha] e distribuir para os outros Senadores o nosso compromisso de crescimento, viu Senador, que foi divulgado nos jornais na segunda-feira, dia... Me lembra, Lima. Uns 10 dias atrás. 19. Foi dia 19. Eu vou circular para vocês. Que os

nossos compromissos reais com o crescimento do Brasil, com o crescimento do setor e principalmente o que o meu antecessor Lima Neto comentou que o Brasil investindo no Brasil isso é de uma riqueza e uma profundidade, porque nós estamos mantendo no Brasil todo esse conhecimento e todo esse expertise que se tem e alavancando e crescendo. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Passamos de imediato a palavra ao Sr. Américo Genzini Filho, Diretor da ULTRAPAR Participações S/A, antes agradecendo ao Sr. Alexandrino de Alencar que é Vice-Presidente das relações institucionais da BRASKEM pela sua palestra. 10 minutos com mais cinco.

SR. AMÉRICO GENZINI FILHO: Bom dia Senador Paim, bom dia aos demais Senadores aqui presentes, aos demais representantes de classe aqui presentes. Primeiro lugar eu queria em nome do Presidente do GRUPO ULTRA, pedir desculpas que ele não pode vir a esta audiência por funções de outros compromissos inadiáveis, e pediu para que eu viesse representá-lo.

Para quem não conhece, o GRUPO ULTRA é um grupo também de controle e origem nacional, começou através da operação da companhia ULTRAGAZ que este ano completa 70 anos de existência. A companhia ULTRAGAZ hoje é líder na distribuição de GLP no Brasil, com 24% de *marketing cher*(F), atuando em todo o País exceto na região norte.

O segundo negócio relevante que o GRUPO ULTRA tem é a Oxiteno, que é empresa que atua no setor petroquímico, uma grande cliente da BRASKEM, essa empresa foi fundada na década de 60 e ela se confunde com a história da criação e do desenvolvimento da indústria petroquímica no Brasil.

E o terceiro negócio que o GRUPO ULTRA tem é a Ultracargo que é um negócio menor, mas em franco crescimento, é um negócio de logística, tem terminais espalhados pelos portos brasileiros e também gerencia uma frota de caminhões para fazer transporte e colaborar com a logística de suprimento e de entrega das várias empresas brasileiras.

O grupo passou por uma fase inicial de reestruturação, a partir do início da década de 90, passou por uma fase de grande profissionalismo e de foco nesses três negócios principais. Em 99 nós fizemos a abertura do capital. E de lá pra cá nós buscamos fortemente oportunidades de crescimento. Tanto através de investimento significativos orgânicos, feitos nos negócios atuais, como buscando oportunidades de aquisições.

O ano passado o grupo faturou cinco bilhões de reais e teve uma geração de caixa da ordem de 500 milhões de reais. Nós empregamos hoje no País todo em torno de sete mil pessoas. Nessa busca por oportunidades de crescimento, olhamos oportunidades fora do Brasil, há dois anos tivemos a chance de comprar uma planta no México que é operada hoje pela Oxiteno, quando nós adquirimos a planta tinha praticamente 20% de capacidade do total da sua capacidade em

utilização hoje nós já estamos com quase 70%. Então conseguimos implantar grande crescimento e também fizemos aquisição de uma empresa estrangeira que operava no setor GLP aqui no Brasil o que deu a ULTRAGAZ a oportunidade de crescimento. Nessa busca como eu vinha dizendo, buscamos oportunidades fora e dentro do Brasil. Quando surgiu a chance da IPIRANGA, já atuamos no setor de GLP algum tempo, temos um conhecimento bastante forte na logística de distribuição, temos um conhecimento bastante forte na gestão da rede de revendas, temos um conhecimento muito forte, bastante forte de como gerir um negócio ligado à distribuição, e como o GLP no Brasil tem apresentado um mercado maduro, com baixos percentuais de crescimento, então a IPIRANGA se apresentou pra gente com uma chance natural de crescer o nosso negócio, expandido o segmento de atuação dentro da área de distribuição. Essa foi a grande motivação para que nós comprássemos, tivéssemos o desejo e adquiríssemos a IPIRANGA.

Em paralelo à IPIRANGA, continuamos com investimentos bastante forte na Oxiteno e na Ultracargo, porque acreditamos que crescer não uma escolha, mas é um imperativo. A única forma de poder criar mais oportunidades para as pessoas que trabalham na empresa e para todos os outros brasileiros tanto dentro do Brasil quanto fora é buscar alternativa de crescimento. As empresas que não crescerem certamente mais cedo ou mais tarde vão se transformar num potencial alvo de aquisição. A nossa grande motivação para aquisição da IPIRANGA foi esse. Como a IPIRANGA atua num setor que nós não atuamos, que é o de distribuição de claros, nós estamos na verdade agregando mais um negócio à estrutura da ULTRAPAR.

Então, não deverão haver grandes mudanças na companhia, com exceção de um maior incentivo e uma maior disposição de crescimento. Porque esse que é o nosso intuito quando nós fizemos a aquisição. Excluindo a BR, acreditamos que a IPIRANGA é a melhor empresa no setor de distribuição de claros. A marca é muito forte. Por coincidência eles estão fazendo também 70 anos este ano, então a IPIRANGA e ULTRAGAZ são duas marcas que estão na mente dos brasileiros e que nós pretendemos conservar e na verdade continuar a investir.

Os primeiros contatos que tivemos lá com o pessoal da IPIRANGA durante esse processo revela também uma empresa em excelentes condições operacionais com uma excelente qualidade de gestão. Portanto, estamos muito animados e acreditando que esse casamento de ULTRAGAZ e IPIRANGA dentro do GRUPO ULTRA, vai trazer grandes frutos aos acionistas da ULTRAPAR, aos acionistas da IPIRANGA e a todos os demais colaboradores. Então era isso que eu tinha a dizer e me coloco à disposição para qualquer questionamento. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Então encerramos com essa fala a primeira Mesa. Eu convidaria aos três expositores que sentem aqui na primeira fila, e chamamos para a Mesa

o Sr. José Marcos Olioni, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Destilação e Refinaria de Petróleo do Rio Grande, SINDPETRO, e ao mesmo tempo também o Sr. Ângelo Carlos Martins e Silva, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Comércio de Minérios Derivados de Petróleo, SINTRAMICO, e também o Sr. Carlos Heitor Rodrigues, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Petroquímicas de Triunfo, SINDPOLO, e também o Deputado Adão Roberto Rodrigues Villaverde, representando a Presidência da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Passamos, de imediato, a palavra... Eu só... Antes de passar a palavra ao Olioni, eu quero dizer que essa carta "Compromisso com o crescimento" eu vou pedir que fique anexada a essa Audiência Pública, como também um pronunciamento que eu acabei sintetizando, que vai na linha dos compromissos que as empresas e os trabalhadores assumiram na reunião que tivemos com os três Senadores, tanto no meu gabinete como no do Senador Simon que o objetivo foi o mesmo.

Então eu passo a palavra ao Olioni, que é Presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Indústria de Destilação e Refinaria de Petróleo do Rio Grande. Olioni, você tem 10 minutos com a tolerância de mais cinco.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Presidente da Mesa, Senador Paulo Paim, muito obrigado por esse espaço. Ao nosso Senador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, satisfação revê-lo aqui, aos demais Senadores presentes, a todos senhoras e senhores presentes nessa Audiência Pública.

Bem, eu sou José Marcos Pinheiro Olioni, 32 anos de trabalho na refinaria de petróleo IPIRANGA, trabalhei como instrumentista industrial, projetista, desenhista técnico, laboratorista, administrador de dados, e responsável pelo setor de informática da empresa de 86 a 91.

Trabalhei também como assessor de produção no setor de utilidades. Todos saber, o setor de utilidades é um setor de extrema importância para qualquer parque fabril, onde produz energia elétrica para toda a fábrica. Produção de vapor de alta pressão, produção de ar comprimido, unidade de desmineralização que retira os minerais da água para que essa água possa virar vapor de alta qualidade. Então são unidades bastante complexa dentro da nossa Refinaria IPIRANGA, que até poucos dias vinha sendo tratada como uma refinaria de baixo nível, custo baixíssimo, mas parece que a coisa está mudando, graças a Deus. E eu tenho certeza que vai dar um bom casamento como o senhor disse na Assembléia Legislativa. Lhe falei que o meu coração era azul e amarelo. Lembra, né? [risos]. O senhor me disse que o seu coração era amarelo e verde. Se juntasse essas três cores daria uma excelente combinação de cores.

Nós temos certeza absoluta que esse casamento vai dar certo e nós vamos fazer daquela refinaria de novo um outro grupo, um grande grupo econômico a partir de lá. Pode ter certeza disso.

Fui assessor durante 10 anos do setor de produção das unidades de refino. Todos os números de refino de petróleo, gasolina, diesel, gás liquefeito de petróleo, óleos especiais, solventes especiais, gasóleos pesados, toda essa gama de produtos que vocês conhecem tão bem, todos esses números passavam por mim, inclusive as informações que eram transmitidas para a ANP ano a ano. Certo pessoal? Fui eleito Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da indústria de Destilação e Refinação de Petróleo de Rio Grande, em setembro de 2006. Eu ia parar de trabalhar em dezembro, mas os colegas resolveram me levar esse cargo. E estamos aí para... Enfrentando essa dificuldade enorme, momentânea, mas que eu tenho certeza que essa tempestade logo-logo vai virar um sol de Caribe.

Bom, fui eleito com 70% dos votos da categoria, hoje tenho uma aprovação lá dentro de 95%, com certeza. Em seis meses de trabalho. É sinal que o trabalho que eu e o meu colega Claudemir, juntamente com toda a diretoria do sindicato dos petroleiros de Rio Grande está sendo bem feito.

Um histórico da Refinaria IPIRANGA. Falar da Refinaria IPIRANGA eu já tinha dito lá na Câmara, eu acho que mereceria ser tocado até o hino nacional, porque se vocês verem a data de fundação dessa refinaria, 7 de setembro de 37. Pô, 7 de setembro é a Independência do Brasil. O nome IPIRANGA, o que significa para os senhores presentes? Muita coisa. Não só esse conglomerado econômico que está aí, mas como o próprio nome diz, IPIRANGA, vocês todos sabem da história do Brasil, conhecem e diz muita coisa. E são pessoas de extremo pioneirismo, de extremo valor social. Creio nisso.

Tive a possibilidade de trabalhar com Francisco Martins Bastos durante 10 anos, considerado um dos 20 gaúchos do século passado. Tive a possibilidade de trabalhar também com Roberto Bastos Tellechea, falecido na década de 80, criador do... Fertilizantes do sul. Concorda Presidente? Como é o nome da empresa? Deixa eu ver... Era FERTISUL. Que foi vendida aí nos anos 90 para o grupo... Um grupo argentino BUNGE. BUNGE, né? E o BUNGE depois comprou a MANAIA(F) e assim foi, mas tudo surgiu ali com a FERTISUL.

SENADOR GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB-AC): Por gentileza, para nós que não temos conhecimento mais preciso do funcionamento. Você representa os trabalhadores...

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Perfeito.

SENADOR GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB-AC): Como também o Ângelo?

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Como?

SENADOR GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB-AC): O Ângelo é Presidente do Sindicato dos Trabalhadores. Derivados de petróleo.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: O Martins é lá do sindicato de Porto Alegre. Eu sou do sindicato lá da cidade de Rio Grande. 50 quilômetros de Pelotas.

SENADOR GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB-AC): Mas é Sindicato dos Trabalhadores?

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Exclusivamente dos funcionários da Refinaria de Petróleo da IPIRANGA.

Bom, falar da Refinaria IPIRANGA até me deixa emocionado sob certa maneira, mas vou tentar não me emocionar muito.

A Refinaria IPIRANGA sempre se caracterizou desde a sua fundação por um relacionamento muito próximo com a comunidade. Em Rio Grande, local de origem das empresas de petróleo IPIRANGA, o traço marcante da cultura da empresa está presente em inúmeras contribuições sociais, ligadas à área da saúde, educação, meio ambiente, atividades culturais e esportivas. A operação na Refinaria IPIRANGA reverte anualmente para a cidade do Rio Grande uma parcela significativa do imposto sobre mercadoria e serviços, ICMS. 30% do retorno de ICMS da cidade de Rio Grande, que nosso Prefeito Janir Branco esteve aqui na Audiência Pública na semana passada, nessa semana não pôde vir que a cidade está em festa, a festa do mar lá, e tinha uma série de compromissos, não pôde vir, mas 30% do retorno de ICMS do Município sai da IPIRANGA. É só para vocês terem idéia da importância da IPIRANGA para esse Município, que luta com extrema dificuldade. Que se não fosse a PETROBRÁS lá investindo no dique seco, para conserto de grandes plataformas oceânicas que agora parece que vão duplicar o dique seco para viabilizar a manutenção do maior número de plataformas, e também está sendo construído lá a P-53. É isso? P-53, que está esperando o navio Sete Belo que está chegando parece que da Ásia, é isso mestre? Sete Belo? Que vão ter que cortar as linhas de alta tensão que atravessa o canal de Rio Grande para São José do Norte para o navio poder passar porque a estrutura realmente é enorme, mas tudo isso é muito bom para a cidade, porque gera riqueza, gera emprego. Embora a maior parte desses trabalhadores que estão lá não são de Rio Grande, mas os trabalhadores da refinaria [soa a campainha] 80% são da cidade do Rio Grande e 20%--

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Só para comunicar que o senhor tem mais 5 minutos.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Só isso? [risos]

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Nós temos debate ainda.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: E mais uns 20 da cidade de Pelotas. Vamos tentar ser mais breve.

Bom, a IPIRANGA também ajudou a criar a fundação da cidade Rio Grande hoje transformada na Universidade do Rio Grande. Hoje são

os engenheiros e técnicos foram professores dessa universidade. Temos a maior... O museu oceanográfico mais completo da América do Sul. Um grande hospital cardiológico praticamente montado pela Refinaria IPIRANGA no último ano lá. O hospital que está prestando excelente serviço na área de cardiologia. Vai ficar curto o tempo, mas o colega pediu só mais 10 minutos.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Foi combinado com todos 10, com a tolerância de mais cinco, e depois nos debates a gente pode ir aprofundando. Você tem praticamente cinco minutos ainda.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Tá bem. Esta escola de engenharia ela contribuiu muito com a formação da Universidade Federal. Só para ter uma idéia, a Refinaria IPIRANGA é a única refinaria do País que eu conheço que abre as suas portas para os estudantes de ensino técnico do País.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Abria, porque fechou.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Ela está produzindo. Até quando não se sabe. As promessas são boas.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Tão bom que nem o senhor está falando...

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Vou tentar encurtar o trecho aqui porque não vai dar os 15 minutos. Já percebi. O Sr. Paulo Roberto Costa, Diretor de Abastecimento da PETROBRÁS, em resposta à Deputada Manuela D'Ávila, na última audiência na Câmara, na Comissão de Minas e Energia, no dia 28 de março citou: Nosso compromisso é de manter empregos existentes e com investimentos gerar novos produtos que agreguem valores. Já o JB, o Jornal do Brasil online, em reportagem do dia 20 de março de 2007, um dia após o anúncio de compra pelo consórcio, o Sr. Paulo Roberto Costa admitiu que a compra da IPIRANGA também resultou na aquisição de ativos que simplesmente não interessam à PETROBRÁS, como a Refinaria IPIRANGA. Que só não seria vendido ou simplesmente fechada por exigência das famílias vendedoras. Ainda segundo o repórter, tal exigência consta em um dos contratos assinado por volta das sete horas da manhã de segunda-feira, pouco antes da abertura do mercado de ações no País. Os petroleiros perguntam: Estão todos muito preocupados. E a categoria petroleira preocupada com essa declaração do Excelentíssimo Sr. Paulo Roberto questionam o representante da PETROBRÁS sobre a existência desses documentos, se existe esses documentos. Assinado. E se o mesmo existe, que seja trazido a público para conhecimento das partes interessadas, e se possível, que a cópia deste documento seja anexada à Ata desta importante Audiência Pública Presidenta pelo Senador Paulo Paim. Na mesma audiência da Câmara... [interrupção no áudio] Na tarde do dia 28 de março no gabinete do Senador Paulo Paim, o Sr. Paulo Roberto da Costa reafirmou com relação à Refinaria IPIRANGA, durante o período de

transição, será criado um Grupo de Trabalho composto pelo consórcio de empresas compradoras e representantes da categoria que buscarão produtos alternativos com a finalidade de evitar a sobreposição de produtos. Concordamos com tudo isso, mas o Sindicato dos Petroleiros questiona se o consórcio já está montado se esse Grupo de Trabalho e quando será apresentado à classe operária interessada. Quando consultarão o sindicato, a sua Diretoria, e quando esse grupo será levado à classe operária lá. Está bem, Dr. Neto? [soa a campainha] Mais cinco minutos? Um minuto só? Finalizando, Sr. Paulo Roberto da Costa disse nessa reunião o seguinte: Queremos ter uma refinaria cada vez mais competitiva e cada vez mais produtiva. Os postos de trabalho serão mandatos nesse mesmo momento, mas a tendência é de aumento dos postos de trabalho. O trabalhador dedicado, competente, qualificado, vai ser mantido. Todos lá são extremamente competentes. Num determinado dia não tínhamos petróleo, o petroleiro atrasou, e só tinha fundo no fundo dos tanques. Os petroleiros do IPIRANGA processaram quatro tipos de petróleo diferentes no mesmo dia. E isso é competência. E acho que isso só é feito na refinaria de petróleo IPIRANGA lá no fim do mundo, na cidade do Rio Grande, ou onde inicia esse Brasil. Talvez lá inicia o Brasil.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Eu protesto contra o fim do mundo. Lá no início do Brasil, onde começa o Brasil.

[soa a campainha]

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Finalizando, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Um minuto para concluir.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Muito obrigado. A refinaria limitada em sua capacidade produtiva por 60 anos, mas garantida a sua operacionalidade no mercado regional pelo então Presidente Getúlio Vargas na década de 50, confirmada pela Constituição Federal de 88. No entanto, a nova lei do petróleo criada em 97 com abertura total do mercado determinou que a Refinaria IPIRANGA deveria fazer investimentos que a tornassem mais competitivas. 60 anos parada no tempo, em quatro anos tinha que ser competitiva a nível de competir como Alberto Pasqualini. É difícil. É quase impossível fazer isso. Mesmo assim a empresa investiu em torno de 25 bilhões de dólares que talvez tenha sido o preço que os compradores tenham pagado por essa refinaria nesse momento, não sei afirmar, não quiseram me dizer, mas tudo bem faz parte do negócio. Investiu 25 milhões de dólares, conseguiu duplicar a sua produção. Temos tudo que uma grande refinaria tem, naquela refinaria. Unidade de FCC, tratamento catalístico, quebra molecular das moléculas de carbono de gasóleo pesado, tudo que uma refinaria grande tem lá dentro. Só que foi proibida de crescer durante 60 anos. Em cinco anos temos que produzir 200 mil barris de petróleo. É impossível.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): V.Exª me permite?

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Diga, Senador.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): V.Exª está dizendo que as condições das refinarias são excepcionais. Por que então no meio dessa discussão, desse negócio que foi feito, ao invés de dizer que a refinaria vai ter uma análise futura para ver qual é o seu destino, e que as três empresas que adquiriram vão participar, porque é que a refinaria pura e simplesmente não passou para a PETROBRÁS, e a PETROBRÁS tocasse adiante, porque ela vai continuar isolada diante de um negócio todo que nem esse a PETROBRÁS ficasse com a refinaria.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Isso seria o lógico, Senador. Essa posição do Senador Pedro Simon nós temos defendido no Município já desde a dada quando foi anunciado. Porque quem é que tem *know-how* em petróleo? É a PETROBRÁS, é a Refinaria IPIRANGA. E eles sabem como refinar petróleo. Nós temos defendido, mas existe o consórcio que a gente tem que respeitar. Os compradores estão aí. Embora tenha muitos negócios interessantes na cidade do Rio Grande, tanto para a BRASKEM--

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Meu amigo, Olioni, eu pediria que você concluísse, você está com quase 20 minutos.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Eu vou concluir, Senador, me perdoe. Depois eu converso com os membros dessa Casa, se possível.

Bom, com o aumento... Aí veio a Lei de 97. Com o aumento da demanda do petróleo no mercado internacional, e sua elevação de preços gradativa, atingindo 75 dólares o barril e os preços dos derivados chegaram a 57 dólares. Porque também é impossível o brasileiro pagar mais do que isso. Ia ficar muito caro para o brasileiro assumir um custo maior do que isso, mas a IPIRANGA não tinha a mínima culpa dessa defasagem de 75 dólares o barril de petróleo que ela compra e vender os seus produtos a 57. Acho que todos Senadores aqui presentes concordam com essa lógica.

Então, há uma perda irreparável. E ela foi somando prejuízo de 100 milhões de reais em pouco mais de três anos. Talvez por isso tenha se sentido obrigada a vender o negócio.

Bom, Senador Paim, finalizando, nós do SINDIPETRO, Sindicato dos Petroleiros da Refinaria de Petróleo IPIRANGA entendemos que se durante esse período, 60 anos, 37 a 97, não foi nos permitido crescer, que agora pelo menos o consórcio ou a PETROBRÁS não nos deixe morrer. Muito obrigado a todos, pessoal.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Eu antes de passar a palavra ao Carlos Martins, eu queria registrar a presença entre nós de Heli Vieira Alves, Secretário de Projetos Especiais dos

Sindicatos Químicos do ABC, e José Carlos Passoni, Diretor dos Químicos do ABC, e dizer também da nossa satisfação de estarmos aqui assistindo esse debate, acompanhando e vão participar do debate, Senador Simon, Senador Zambiasi que deu uma pequena saída e já volta, Senador Geraldo Mesquita Junior, Senador Flávio Arns e o Senador Cristovam que está se deslocando para cá.

Passo a palavra ao Ângelo Carlos Martins e Silva, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Comércio de Minério e Derivado de Petróleo, SINTRAMICO.

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: Bom dia Srs. Senadores. Quero saudar a Mesa, Senador Pedro Simon, Senador Geraldo Mesquita Júnior, Senador Flávio Arns, e o Senador Zambiasi que não se encontra, mas saúdo, gaúcho como todos que estão aqui.

Nesse momento eu gostaria de colocar, também saudar os meus companheiros da FUP, sindicalistas do SINDIPOLO que estão todos aqui para essa Audiência Pública que vem em muito boa hora chamada pelo Senador Paulo Paim nessa Comissão de Direitos Humanos. Pelos três Senadores do Rio Grande. É os Senadores do Rio Grande unidos pelas coisas do Rio Grande, pelas coisas do Brasil. Mas eu nesse caso, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Minérios e Derivados do Petróleo, estou falando em nome dos trabalhadores que estão naquela condição de que... Da distribuição dos derivados de petróleo no Brasil. Aonde se deu o grande mega negócio. Aonde uma nova parte entrou que é o GRUPO ULTRAPAR. Gostaríamos também de colocar que sendo dos derivados do petróleo, nós também representamos os trabalhadores da ULTRAGAZ, que pertencem a ULTRAPAR.

Então, nós temos condições de avaliar tanto o comprador como os que estão sendo comprados. E já digo de pronto de que a diferença é grande. E é muito grande. Trabalhar com a IPIRANGA é uma coisa. Trabalhar com a ULTRAGAZ é outra. Só que a ULTRAGAZ é derivado do petróleo, mas GLP. E agora está entrando nos claros. Espero que com outra política. Porque a política que é colocada no GLP não nos seduz neste momento, mas em momento nenhum nós gostaríamos estar aqui questionando a questão de um mega negócio de quatro bilhões de dólares. O que nós colocamos é de que num negócio dessa magnitude, se houver alguma questão, digamos, errada, com certeza o CADE vai tomar conta. A CVM já está comando conta das questões de vazamentos que houveram.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: Porque a filosofia das empresas são diferentes. A filosofia da empresa IPIRANGA, como já colocou o companheiro Olioni, vem de uma filosofia humanista. Enquanto que a filosofia do GRUPO ULTRAPAR é capitalista selvagem. Essa é a questão.

Então, para nós trabalhadores, e eu venho aqui responder em nome dos trabalhadores, o que nós preocupa é essa questão. Como disseram de que foi um negócio de porteira fechada, e lá no Rio Grande a gente sabe o que é porteira fechada.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: Tem. Os donos das fazendas se reúnem...

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): É que o Lula não está deixando fazer nos Ministérios.

[risos]

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: Exato. [risos] Então, quer dizer, os donos, os compradores, os fazendeiros vão lá e compram a fazenda com todo o gado que lá dentro está. Com todo o gado, utensílios... Nesse caso, os compradores foi um consórcio que comprou uma empresa, uma fazenda. E houve só uma questão entre o comprador e o comprado. No caso da fazenda, o gado com certeza não é ouvido. Porque gado não fala. Gado berra. Agora, no nosso caso, nessa porteira fechada, nós trabalhadores pego na calada da noite, no outro dia estava de dono trocado. Me pareceu que eu estava ante de 1888. Que se comprava escravos dessa maneira. Praça pública, coisa e tal... Agora tem outro dono. Os trabalhadores da IPIRANGA anoiteceram como IPIRANGA e amanheceram como ULTRAPAR. Foram consultados? Não. Agora eu vejo uma questão de que vai ter investimentos, vai ter um grande magnitude de verbas, de questões, que eu por enquanto estou questionando que é palavras, palavras, palavras. Quero ver prática, ação, documentos. E para que a gente saia daquela questão da ULTRAPAR com a IPIRANGA qual é a diferença eu estou dizendo. Essa é a diferença. Como será o futuro com o novo dono? O novo dono nessa nova questão, capital, tinha que vir para os representantes legítimos dos trabalhadores e colocar como é que pretende fazer, qual é a filosofia dessa questão. E falar da marca IPIRANGA, para nós gaúchos, sem ser, digamos assim, sem ter aquela questão do gauchismo, mas para nós a marca IPIRANGA é DNA. É nosso. Eles foram fundo numa questão sentimental do gaúcho.

Portanto, essa marca não foi construída só pelas cinco famílias. Essa marca ela foi construída por trabalhadores, sangue, suor, lágrimas, dias, noites... Como é que alguém pode da noite para o dia, vende sem a mínima questão, como no antigamente, porteira fechada. Eu quero que os Srs. Senadores, quero conquistar a mente, os corações e a alma de vocês para nesses sentimentos. Porque a forma do negócio nós trabalhadores sempre ficamos depois, como diria, pendurados no pincel. Quem me garante que a manutenção do emprego será feita? Quem me garante? Como? Hoje palavras, palavras. Amanhã eu quero ver. Quem me garante? Enquanto a gente está no calor ainda do debate, de repente vai sair do noticiário a questão da venda da

IPIRANGA. Aí trabalhadores e donos vão ter que se enfrentar olho no olho. E até o momento a ULTRAPAR ainda não teve, não chamou sindicatos para fazer uma reunião de como será isso.

SENADOR GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB-AC): O emprego não está nesse compromisso aqui.

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: O emprego não está aí. Não está. Diz que tem o compromisso com o crescimento, mas será que o crescimento vai ser, e os investimentos, na proporcionalidade da criação de empregos? Porque eu vejo dizer que teremos novas tecnologias, mas para nós, a nova tecnologia sem ser contra a nova tecnologia, mas pelo que campeia por esse Brasil afora, a nova tecnologia é desemprego. Já dizia Chaplin. Sois homens, não sois máquina. [soa a campainha] Então o que nós precisamos? Precisamos de emprego, o que é que nós precisamos? Precisamos de investimento, manutenção do emprego, ampliação do emprego, nesse sentido.

Então, nós gostaríamos de colocar nessa Audiência Pública, e eu gostaria de passar aqui para o Senador Paulo Paim e para o Américo o documento onde os três sindicatos, tanto do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e SIPETROL São Paulo, pedem uma audiência com o Pedro Wongtschowski, mas para que nós possamos de tudo aquilo que eles dizem na imprensa e que dizem nessas questões e que disseram no consórcio, venham realmente ser colocado.

Então, Srs. Senadores, queremos colocar nesse sentido de que o GRUPO ULTRAPAR, que por conhecer a ULTRAGAZ, nós temos essa dificuldade de como é que saber qual é a filosofia que será colocada agora. Porque tem o seguinte. A ULTRAPAR...

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Mas é uma certa ingenuidade sua. Ela vai aplicar em Rio Grande, a filosofia que ela aplica na firma dela. Se ela já tem uma filosofia que deu certo e vai comprar outra, ela não vai aplicar a filosofia daquela que vendeu. Vai ficar a filosofia da vitoriosa que é ela.

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: É a teoria do dominador. Quem comprou é que vai fazer a filosofia, como eu conheço a filosofia da ULTRAGAZ, então vai ser a filosofia por baixo. Porque a IPIRANGA tinha uma filosofia, como disse, humanista, tinha uma questão direta com os trabalhadores, uma questão dos seus direitos--

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Humanismo, tem gente que está falando que dos quatro bilhões percentual vai distribuir entre os trabalhadores. É verdade? Os quatro bilhões que a IPIRANGA ganhou, em percentual vai ser distribuído entre os trabalhadores que IPIRANGA ao longo dos tempos.

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: [risos]. Senador, é Alice no País das Maravilhas, mas lá em 1937, está nos estatutos da antiga IPIRANGA, que 3% do líquido era distribuído para todos os trabalhadores. Agora eu gostaria de saber qual é a filosofia da

ULTRAPAR. Qual será? Eu não vi numerar tantas questões que o companheiro colocou, mas como é que vai ficar os trabalhadores já aposentados? Que contribuíram, que estão aí, que deram o seu sangue? Como é que vai ficar essa questão dos trabalhadores que ainda estão na ativa? Os companheiros--

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): O senhor poderia dar uma olhada como estão os antigos funcionários da VARIG.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Vamos permitir que o nosso companheiros termine a sua exposição e depois nós teremos o debate.

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: Então nesse sentido o que nós gostaríamos de colocar é de que a preocupação dos trabalhadores é de extrema importância, de que o GRUPO ULTRAPAR venha fazer aquela questão olho no olho para com esses compromissos. E nesse sentido, eu falava dos aposentados, eu falava das questões da Fundação Martins Bastos, de todas as questões de investimento em educação, que simplesmente dizem que vão continuar, mas aonde tem essa garantia que vão continuar? Por causa que na IPIRANGA tinha duas IPIRANGA. A DPPI e a CBPI. A DPPI tinha o controle todo no Rio Grande do Sul. Agora, a ULTRAPAR já disse: Centralizado tudo em uma só, e escritório vai ser no Rio de Janeiro. Ótimo, Rio de Janeiro. Agora, como é que vai ficar os investimentos no Rio Grande do Sul? Porque falar--

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Se as empresas forem para Bahia, para o Rio de Janeiro, como é que vai ficar a questão do imposto de ICM no Rio Grande do Sul? Nós vamos perder...

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: Então, Senador, essa é a nossa preocupação. Não só com os trabalhadores, mas com a comunidade, mas com as questões do Rio Grande que tanto está precisando. E nesse momento, nesse sentido, eu concluo dizendo que gostaríamos de que as palavras se tornassem ação. Porque senão vamos ter a mesma questão do 1888. Só palavras, palavras, e inclusão se viu que passou 120 anos e ainda não fomos incluídos.

Então, o consórcio que aí está, e eu só gostaria de falar que o norte, nordeste e o centro-oeste está em calmaria. Por causa de quê? Ficou com a PETROBRÁS. Ali a questão é outra. Mas, o sul e o sudeste, ficaram com a ULTRAPAR. Eu não entendi muito essa partilha que houve, mas a preocupação nossa com o sul e sudeste e que PETROBRÁS com o norte e centro-oeste está em Estado de graça. Agora, nós do Rio Grande do Sul--

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Um minuto para concluir, Martins.

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS E SILVA: --estamos na luta e fico à disposição para todos os Senadores para poder colocar mais as

preocupações dos trabalhadores com o seu emprego e ampliação dos mesmos.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Eu quero também registrar a presença aqui conosco do Senador Zambiasi que já voltou, Senador Cristovam e a Senadora Serys Slhessarenko, e passo de imediato a palavra ao Dr. Carlos Heitor Rodrigues, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Petroquímicas de Triunfo, SINDIPOLO. 10 minutos com a tolerância de mais cinco.

SR. CARLOS HEITOR RODRIGUES: Primeiro lugar quero cumprimentar os participantes dessa audiência, os representantes das empresas BRASKEM, PETROBRÁS, o GRUPO ULTRA, os companheiros sindicalistas que estão aqui, o pessoal do ramo químico que veio da Bahia, da FUP, de São Paulo, que vêm acompanhando como vinha acompanhando o processo anterior de troca de ativos entre a PETROBRÁS e a BRASKEM, um processo que se alongou ao longo de um ano, mobilizações e muito debate, agradecer aqui especial Senador Simon, Senador Zambiasi e Senador Paim por terem solicitado essa audiência. Os outros Senadores, Senador Flávio Arns, Geraldo Mesquita, Serys Slhessarenko, Senador Cristovam Buarque é que estão aqui prestigiando esse debate e acompanhando. Aos companheiros de Mesa aqui, Deputado Adão Villaverde, e o Martins lá do SINTRAMICO, e o companheiro Olioni, lá dos petroleiros de Rio Grande.

Quero inicialmente dizer que a gente vai estar apresentando aqui, a gente tem o material que vê se o pessoal da secretaria tem condições de distribuir, onde tem ali mapa do pólo petroquímico, como está, como é que vai ficar, e esse aqui... Como é que vai ficar, a produção de petroquímicos em nível nacional que vamos estar falando por aqui, a questão do emprego e outras questões. Então queria saber se o pessoal tem condições de dar, distribuir para o pessoal que estiver interessado.

Bom, essa negociação que houve, ela aponta, digamos, para um rumo que vinha sendo anunciado já pela PETROBRÁS e pelo Governo Lula já a partir de 2002, final de 2002, que é um aumento da presença da PETROBRÁS no setor petroquímico. Com isso, efetivamente a PETROBRÁS aumenta significativamente sua presença no setor. O nosso... A nossa grande preocupação e o nosso grande questionamento é que nesse caso nós não imaginávamos que esse aumento pudesse significar, permitir que a maioria do setor petroquímico, com esse passo que foi dado, fosse controlado, digamos assim, pelo GRUPO ODEBRECHT, que controla a BRASKEM, fosse controlado o setor a partir do momento que já tem o controle do pólo petroquímico baiano e com isso passa a controlar o pólo petroquímico do Rio Grande do Sul.

Então, acho que primeiro a gente colocar o seguinte, o pólo gaúcho tem nove empresas. Nesse momento, nesse passo que foi dado está a unidade da IPIRANGA Petroquímica, e a fatia que a IPIRANGA tem na COPESUL, 30%. Então essa unidade e 60% são distribuídos, já foi colocado aqui, só resgatando, 40% da PETROBRÁS e 60% da

BRASKEM. Mas a PETROBRÁS tem ainda no pólo petroquímico entre essas novas empresas, duas empresas. A INOVA que é ligada a PETROBRÁS ENERGIA na Argentina e a Petroquímica Triunfo. Que é ligada à PETROBRÁS aqui e a PETROQUISA. E a BRASKEM também têm duas unidades lá no pólo petroquímico, duas fábricas. Na verdade, são várias unidades entre cada fábrica. Tem duas fábricas no pólo petroquímico gaúcho que é a antiga PPH para quem é do sul lembrar isso aí. E a antiga POLIOLEFINAS. E o passo segundo, vamos dizer, de todo esse processo que foi colocado aqui pelo Presidente da PETROQUISA, será agregar essas empresas à COPESUL. Aí significa o seguinte, que as cinco maiores empresas, e essas são as cinco maiores empresas do pólo petroquímico ficarão todas sob o controle da BRASKEM, vamos dizer, com cerca de 60% de participação, e a PETROBRÁS com cerca de 40%. Esse seria o formato final que está detalhado inclusive no mapa, material para quem quiser acompanhar mais detalhadamente.

No pólo petroquímico têm 2.500 trabalhadores diretos, 3.500 trabalhadores indiretos. Cerca de 85% dos diretos, vamos dizer, dos 2.500 diretos, 2.200 estarão nesta empresa, digamos, essa nova empresa que será a fusão dessas empresas conforme está sendo anunciado. Então nós estamos questionando aqui além da questão da concentração, achamos que a concentração... Se toda discussão que havia anteriormente na época das privatizações era criticada a concentração da petroquímica, do petróleo e de outros produtos era criticada na mão do Estado Brasileiro, nesse caso nas mãos da PETROBRÁS, e por isso tinha que privatizar, tinha que diversificar, permitir a livre concorrência, isso que está acontecendo é justamente aquilo que na época era criticado, ou seja, hoje está sendo permitido o monopólio à concentração nas mãos do grupo privado, no caso a BRASKEM controlado pelo GRUPO ODEBRECHT. Então o que significa isso aí? Significa que 70, 80% dos produtos petroquímicos brasileiros serão produzidos por esse grupo econômico. Quero fazer minha parte das palavras de licença para o Martins aqui, da mesma forma que o Martins trabalha e conhece o perfil do GRUPO ULTRA, nós conhecemos o perfil da ODEBRECHT e da BRASKEM. A gente fala ODEBRECHT porque a BRASKEM é uma empresa criada recentemente, possivelmente desconhecida de muitos. Agora, a ODEBRECHT é bem conhecida, trabalha na área de construção, essa coisa toda. E a referência que nós temos e aí esta a nossa principal preocupação, é o que aconteceu lá na Bahia quando foi criada a BRASKEM em 2002. Naquela oportunidade, entre os empregos que foram reduzidos, vamos dizer, cortados os postos de trabalho na Bahia, em Alagoas e Rio Grande do Sul, foram cerca de 2000 postos de trabalho. Além disso, questão de um ano, um ano e pouco, a BRASKEM cortou unilateralmente um plano de Previdência complementar dos trabalhadores, pessoal que já tinha isso cerca de 20, 30 anos, estava prestes a pegar essa complementação, ela unilateralmente cortou esse plano de Previdência e impôs sem qualquer debate, qualquer discussão o seu plano que é o Odeprev com

características totalmente distintas daqueles que existiam anteriormente.

Então essa é a nossa discussão, o nosso debate. Está sendo anunciado, estão sendo anunciados investimentos no Rio Grande do Sul. Investimentos cerca de 75O milhões de reais. Hoje a COPESUL porque ela já tem disponível pelo BNDES, pelo que ela tem em caixa e em estoque, chega a cerca de 900 milhões de reais. Estão sendo anunciados 700 nos próximos três anos, 750 nos próximos três anos. Quer dizer, nós estamos pegando uma empresa, a COPESUL, que tem cerca de 900 milhões disponíveis.

Então, só chamar atenção para esses números. Com relação aos empregos, pessoal, o que significa... Qual é o peso de uma folha de pagamento com encargos de salários, empresa do setor petroquímico, ou essas empresas que estão envolvidas no negócio? Na COPESUL, tendo como referência, o ano de 2006 a folha de pagamento com encargos e salários deu 1,8% do faturamento bruto. 1,8 do faturamento foi desembolsado, vamos dizer assim, com salários e encargos. No setor petroquímico, ou nessas empresas envolvidas aí, esse valor varia em torno de 3%. E a gente tem visto muitas vezes os cortes e cortes profundos, é uma coisa que tem esse impacto.

Então, o nosso debate aqui é o seguinte, nessa discussão a questão do emprego nós temos claro e queremos deixar bem expresso aqui para os Senadores, Senador Paim, Senador Simon, outros Senadores que estão acompanhando, Senador Zambiasi, que o debate, as interlocuções que vão ser necessárias nesse processo, vão ter que ser de muita franqueza, muita transparência e muita seriedade. Muita seriedade. Nós não vamos nos iludir aqui conforme citou o Senador Simon com o perfil de uma empresa que possivelmente de uma hora para outra possa estar mudando seu perfil de gestão, seu perfil de tratamento aos trabalhadores.

Então, para nós essa interlocução, todas as interlocuções que nós tivemos que ter e vamos ter, para esclarecimentos, não os esclarecimentos que são possíveis inclusive de tornar público, como está sendo trazido aqui. A gente sabe de algumas questões que não são possíveis tornarem público, que essas interlocuções têm que ser necessária e obrigatoriamente, Senadores, com o sindicato, como nós estamos falando do setor petroquímico, [soa a campainha] nesse caso está distinto da refinaria e da questão da distribuição, com o sindicato, ou seja, com os trabalhadores, mas com as duas empresas juntas. Com a PETROBRÁS e com a BRASKEM. Porque a BRASKEM, como já citou aqui em linhas gerais, ela tem um perfil, ela opera, ela funciona historicamente, já desde a ODEBRECHT, numa freqüência, vamos dizer assim, numa freqüência. A PETROBRÁS funciona na outra freqüência. E nós não podemos estar conversando como nós conversamos com a PETROBRÁS quando foi anunciada a negociação no dia 19 de março

onde a PETROBRÁS por um lado sinalizava discutir, ver a questão de manutenção dos postos de trabalho.

Por outro lado, ao mesmo tempo que o Presidente da BRASKEM anunciava publicamente que os empregos seriam mantidos, seriam ampliados com investimentos, em reunião que nós tínhamos com representantes da BRASKEM nos era dito que as demissões seriam inevitáveis. Então para que a gente fale e trate o tema numa mesma freqüência, tem que estar, quero reiterar aqui, PETROBRÁS e BRASKEM discutindo com o sindicato. Porque nós temos certeza que a partir daí nós teremos um outro padrão, um outro patamar de interlocução e de garantias.

Um outro questionamento que a gente tem feito, que está muito centrado na questão da IPIRANGA, na compra do grupo, não é falado nas unidades que a BRASKEM tem lá no pólo, que já está sendo anunciado, o que é que vai ser feito, não é falar das unidades que a PETROBRÁS tem lá no pólo, a INOVA e a Petroquímica Triunfo, mas tem outra questão também que está esquecida. A PETROBRÁS tem na BRASKEM em nível nacional 10% de participação. E se vai haver a incorporação dos ativos da PETROBRÁS lá no sul à futura empresa que vai ser criada, acreditamos deva ser mantida a COPESUL dentro daquela mesma lógica que vem sendo tratada a questão da IPIRANGA, se vai ser incorporada os ativos da PETROBRÁS, nós defendemos, fizemos um apelo para que também seja incorporado esses 10% que a PETROBRÁS tem na BRASKEM. O que significa para que seja entendido? A COPESUL é um ativo pegando os números de balanço das empresas, aproximado, que equivale cerca de quatro bilhões de reais. A BRASKEM também pelos números divulgados pelas empresas vale cerca de oito bilhões de reais. 15% que a PETROBRÁS tem na COPESUL que tinha, significa cerca de 600 milhões. 10% na BRASKEM valem cerca de 800 milhões. Só que a fatia do lucro ou do resultado da... Que a PETROBRÁS tem na COPESUL em relação à fatia que ela tem no resultado da BRASKEM em nível nacional são totalmente desproporcionais. Para se terem uma idéia, com relação ao resultado de 2006, a COPESUL tinha resultado líquido de 664 milhões de reais. Se fosse distribuído, vamos dizer, não é assim que acontece, mas se fosse convertido tudo isso em dividendos, e distribuído para todos os participantes, a PETROBRÁS dessa fatia teria mais de cem milhões de reais. No caso da BRASKEM que teve 82, olhe bem, 8 bilhões com resultado líquido de 82 bilhões. Ou seja, só o resultado total da BRASKEM é inferior à participação que a PETROBRÁS teria na COPESUL. E nesse caso a PETROBRÁS teve na BRASKEM usando a mesma relação teria cerca de 800 milhões. Então, essa... Aliás, desculpe. Oito milhões. Já que foi 82.

Então, esse é o questionamento. Eu acho que os Parlamentares, as sociedade, têm que questionar, sim. A PETROBRÁS tem que voltar, está voltando firme para o setor petroquímico. Acho que a PETROBRÁS foi que criou o setor petroquímico, foi que alavancou já a partir da

década de 60, ela tem um papel fundamental, sempre teve um papel fundamental porque ela é que tem o refino, ela que tem a pesquisa, ela que tem a prospecção de petróleo, ela é que a principal fornecedora da matéria-prima da nafta e do gás, então ela tem que ter uma participação expressiva. Agora, esses 40% que ela vai ficar nesse negócio que esta sendo fechado, não pode significar que a PETROBRÁS deva estar subordinada aos interesses da BRASKEM. A PETROBRÁS tem que estar ativa na gestão desse negócio. Com participação ativa e representativa no Conselho de Administração e também com participação ativa e representativa na direção da empresa que venha a ser criada. E esta--

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Cada um terá a participação referente ao capital. Um 60% e outro 40%.

SR. CARLOS HEITOR RODRIGUES: Ok. Entendido. O Senador coloca o seguinte: Que ela tem 40, a outra tem 60%. [soa a campainha] Nós achamos que elas têm que ter no mínimo uma participação relativa ao seu percentual na sociedade, porque sequer isso está garantido, e estamos defendendo que esses 10% que ela tem na BRASKEM seja incorporado para que seja ampliada essa participação. Porque ela possa efetivamente estar incidindo. Porque pode ter sim, e a PETROBRÁS tem essa capacidade até pelo que ela significa para o País, regras de veto e de algumas iniciativas de impedir que o mal maior possa acontecer para o setor petroquímico, e o principal, para os postos de trabalho no pólo petroquímico e para a manutenção do direito dos trabalhadores. Que hoje, enquanto que a sociedade gaúcha, e eu estou concluindo, Senador, enquanto que a sociedade gaúcha, parte da sociedade do povo brasileiro está vendo com muita euforia e com muito entusiasmado essa negociação que envolve quatro grandes grupos econômicos ULTRA, PETROBRÁS, BRASKEM e o GRUPO IPIRANGA, com muita euforia, muito entusiasmado, hoje está sendo tratado isso na imprensa e tudo, os trabalhadores do pólo petroquímico isso não há nenhum exagero, eles vivem um ambiente de extrema angustia, de extrema angustia e de apreensão com relação ao que está aí. Até o momento ninguém tem qualquer garantia de que aqueles postos de trabalho lá no pólo petroquímico serão mantidos, de que os direitos conquistados ao longo dos 20 e tantos anos, quase 30 anos desde a pedra fundamental do pólo petroquímico, aliás, mais de 30 anos, Fundação da COPESUL vão ser mantidos. Então nosso apelo aqui para que os Senadores, para quem está acompanhando esse debate, para quem está acompanhando fora daqui o que vai ser publicado, porque as empresas que a BRASKEM e a PETROBRÁS mantenham o que vem sendo dito publicamente e que garantam, que assumam aqui nessa audiência o compromisso que as interlocuções que tiverem que ocorrer para esclarecimento e para outros encaminhamentos sejam BRASKEM, PETROBRÁS, e Sindicato dos Trabalhadores do pólo petroquímico do Rio Grande do Sul. Muito obrigado aos senhores, muito obrigado Senador Paim, muito obrigado

Senador Zambiasi e Senador Simon por ter tido a iniciativa dessa Audiência Pública.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Antes de passar a palavra para o representante da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, Deputado Adão Villaverde, que é o Vice-Presidente, eu quero mais uma vez registrar a importância desse debate com a presença aqui do Senador Simon, Mesquita Júnior, Flávio Arns, Zambiasi, Senador Cristovam, Serys Slhessarenko, João Pedro, Renato Casagrande, Cícero Lucena e Rosalba Ciarlini. A pronúncia final que eu fico aqui Rosalba. Então passo a palavra nesse momento ao Deputado Adão Villaverde, representando a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul que tem acompanhado todo esse debate.

DEPUTADO ADÃO ROBERTO RODRIGUES VILLAVERDE (RS-PT): Senador Paulo Paim, Senador Pedro Simon, Senador Sérgio Zambiasi, em seus nomes eu quero saudar a Senadora, e os Senadores. Quero também saudar as representações de trabalhadores, O Olioni, que representa o Sindicato de Petroleiros de Rio Grande, o Ângelo o SINTRAMICO, o Heitor que preside o SINDIPOLO, lá no pólo do Rio Grande do Sul, e queria também saudar os três representantes das empresas que participaram da primeira Mesa, Dr. Américo Filho, o Dr. José Lima Neto e o Dr. Alexandrino de Alencar. E também saudar conjunto de representações do ramo químico que aqui se encontra.

Queria, Senador Paim, em nome da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, primeiro evidentemente agradecer o convite e essa iniciativa tomada pelos três Senadores pela dimensão e pelo significado que têm esta aquisição do GRUPO IPIRANGA por essas três empresas, a PETROBRÁS, a BRASKEM e a ULTRA, e, sobretudo, AS suas repercussões no Estado do Rio Grande do Sul. Eu acompanhava, Senador Mesquita, logo de início uma primeira pergunta que o senhor fez ainda quando o Olioni falava, porque a aquisição do GRUPO IPIRANGA teve o que já deu para perceber pelas falas teve repercussão em três grandes áreas, digamos, do setor no Estado do Rio Grande do Sul. O refino de petróleo, o setor petroquímico, que é o pólo, o refino lá em Rio Grande, o pólo lá em Triunfo, e a distribuição de combustíveis na região metropolitana na região sul conforme foi referido aqui já pelos representantes na região sul do País. Então tem uma repercussão muito forte no País. E, portanto, nós na Assembléia Legislativa já realizamos duas ou três audiências, reuniões com os trabalhadores, com as empresas, e a posição da Assembléia nem poderia ser diferente, de ao mesmo tempo entender e compreender, digamos, por que é que se realizou esta aquisição, mas do ponto de vista dela e do Estado do Rio Grande do Sul, nós temos um olhar, uma visão, imagino os três Senadores, os trabalhadores lá do Estado e nós da Assembléia Legislativa vamos dizer assim uma dupla preocupação, uma dupla questão, digamos, que nos mobiliza. A primeira delas é isso, é que se a aquisição por um lado ela for importante, ela tem que vir acompanhada de investimentos lá no Estado do Rio Grande. Dr. Alexandrino referia,

por exemplo, esse tema da parte de pesquisa e desenvolvimento, que aliás é a minha área. Isso é uma área importantíssima. Essa é uma área, por exemplo, que se a gente desloca lá no Estado do Rio Grande do Sul, tira a inteligência, o conhecimento, etc, etc. Agora é natural, evidentemente, que os trabalhadores se preocupem e é correto isso, nem poderia ser diferente, com o tema, Heitor, direto, enfim, da questão de garantia de empregos. E mais do que isso, suponho, que mais do que isso, não só garantia como querer evidentemente ampliar empregos lá no Rio Grande do Sul. O Senador Simon já referiu num dos seus pronunciamentos, clássicos, ele sempre dá um ou dois recados, mas a questão do ICMS que é uma preocupação central. Nós já estamos preocupados com essas questões.

Então quero dizer primeiro o seguinte, para nós é fundamental que esse tema tenha vindo para cá, tenha vindo para Câmara e a iniciativa dos senhores é extremamente importante. Agora, o que eu queria referir que acho que é o principal que a gente vem apanhando já dos debates que fizemos lá e cremos que esse é um pouco o sentido dessa reunião hoje nessa Comissão. Eu acho que lá na Assembléia Legislativa a Câmara e principalmente esta Comissão no Senado pelo peso que ela tem, ela pode ser um ponto de encontro, um espaço importantíssimo, aonde a gente pode fazer um conjunto de debates, afinar questões, e, sobretudo, construir o que é possível de acordo e de relações que a gente possa pactuar e criar condições de garantias de um lado que esse tipo de aquisição possa se realizar num ambiente minimamente razoável, que possa criar as condições de crescimento e desenvolvimento para o Estado do Rio Grande do Sul e para a região, evidentemente que para nós a entrada da PETROBRÁS nesse processo é muito importante. Agora, de outro lado também dar as garantias mínimas, enfim, para os trabalhadores. Porque eles são diretamente interessados nesse processo. E nós temos certeza, ainda que muitas vezes possa parecer, enfim, de que a gente sabe como é que é... Qual é o papel, enfim, que os trabalhadores tem, né Martins, num momento desse. A gente sabe o papel dos trabalhadores. Muitas vezes uma defesa afirma, enfim, de manutenção de posto de trabalho pode até passar uma idéia de que não está vendo o tema geral, evidente que esta vendo o tema geral, mas na condição que eles estão ali no sindicato sob pressão, movimentos fortes lá, a gente tem que reconhecer que também esse é o papel que os trabalhadores têm que fazer.

Então, nós da Assembléia Legislativa, Senador Paulo Paim e Senador Sérgio Zambiasi e Senador Simon e demais Senadores e Senadoras, nós temos que criar esse espaço aqui, que é um espaço forte de influência, de muito peso, como sendo esse espaço para a gente fazer construções necessárias, algumas questões são do mercado, são da natureza das relações comerciais, etc, etc, não são determinadas por nós, Senador Sérgio Zambiasi, são determinadas por outras relações, mas outras podem ser determinadas por nós. Outras

podem ser determinadas por relações políticas, pelas relações trabalhistas, pelas relações enfim de diálogo entre os setores que vão conviver junto nesse processo. E nós achamos que esse espaço tem essa dimensão e esse alcance. E é nesse sentido que nós nos colocamos. Essa é a posição nossa, inclusive de Mesa, de presidência, e de Mesa da Assembléia Legislativa não poderia Alexandrino e demais representantes de empresa, ser diferente desta posição, mas de qualquer maneira a gente quer trazê-la, Senador Simon, como sendo uma posição que a gente quer partilhar aqui com o Senado e sabe que essa é a opinião, visão e compreensão que o Senado tem. O senhor, sobretudo, que teve papel importante na época da questão do pólo lá. Na questão de um grande líder lá do Estado.

Então, nós queremos trazer isso aí, nos colocarmos à disposição e Senador Paim, mais uma vez reiterar, agradecer a todos os Senadores particularmente aos nossos Senadores que tiveram essa iniciativa, agradecer a todos, Senadores e Senadoras que terão evidentemente a compreensão de entender e compreender o significado, o alcance as repercussões, dessa aquisição ao Estado do Rio Grande do Sul para que a gente possa trabalhar de forma concertada, digamos, a construção enfim, dos resultados dessa solução. É isso, Senador, muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Nós vamos agora... A partir desse momento vamos para as inscrições dos Senadores e Senadoras. Por uma questão de espaço aqui na Mesa eu pergunto aos nossos outros três convidados e eles podem responder do local que se encontram. Quando for o caso. Porque não tem como. Não tem como colocar todos na Mesa. Eu gostaria de colocar os três aqui. Se for materialmente possível, eu... O Senador Simon faz um apelo aí para nossa Assessoria se é possível que eles... Se juntar mais as cadeiras. Então vamos fazer aqui um H aqui, atendendo ao nosso Senador Simon, ex-Governador do Rio Grande do Sul. Simon faz um apelo para que os nossos três convidados da ULTRA, BRASKEM e PETROBRÁS... Vamos aproximar dentro do possível. É possível? Deu para... Opa.

Então, a partir desse no momento nós vamos para o debate. Estão inscritos aqui Senador Simon, Senador Mesquita, Senador Flávio Arns, e eu inscrevi o Senador Zambiasi também já. O Senador Zambiasi está aqui. Senador Simon.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Sr. Presidente, Srs. Senadores, prezados convidados, eu acho da maior importância essa reunião. Eu pediria, Sr. Presidente me permitisse fazer um pequeno histórico. Nos parece importante. O Rio Grande do Sul vive uma hora muito difícil. Há uma unanimidade no Rio Grande do Sul que nós chegamos num estágio onde nós temos que ver o nosso futuro. Não é mais isso, está abrangendo todos os partidos e todos os setores da sociedade. Parece que nós tivemos um tipo de desenvolvimento que atingiu seu topo, se esgotou. E nós temos que buscar o nosso rumo.

Isso vem sendo discutido há muito tempo. Até o nosso companheiro repetiu uma expressão que é mais ou menos o que se disse no Brasil durante cem anos, "lá no fim do mundo". Porque vai ter pólo petroquímico no Rio Grande do Sul. Mas para que ter pólo petroquímico no Rio Grande do Sul? Rio Grande do Sul não tem petróleo, não tem... Uma refinaria dessas... O Rio Grande do Sul não tem mineiro, não tem consumo. Quando o Delfin disse isso para ele: “Pena Ministro Delfin, que o senhor não foi Ministro lá no Japão. Porque o Japão seria um conjunto de ilhas vulcânicas”. Mas então tudo foi muito suado no Rio Grande do Sul. Tudo foi muito suado. Embora o Rio Grande do Sul tivesse um espírito pioneiro. Quando nós criamos a VARIG, foi uma coisa fantástica. Quer dizer, não tinha nada. Foi uma iniciativa, não tinha nada, foi uma iniciativa... Lá em Uruguaiana, quer dizer, se criou uma empresa de aviação que se transformou num exemplo para o mundo inteiro. Uma empresa, aquilo que o trabalhador falava, que era uma comunidade de trabalhadores organizada em cooperativa. E foi talvez considerado uma das maiores empresas mais modernas do mundo. E está numa posição excepcional quando vem o Presidente da República e faz uma maluquice. Que se vocês forem na Inglaterra, a empresa de transporte para o exterior é uma estatal. Na Inglaterra, é uma. Nos Estados Unidos é uma, na França é uma. No Brasil depende do Governo liberar. E a VARIG que tinha um plano espetacular e se transformou na empresa mais moderna, mas luxuosa porque era São Paulo, Nova York era um dos postos que dava mais rendimento no mundo inteiro de aviação. De repente abriram. Então a TRANSBRASIL montou uma viagem de Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Washington e Nova York. Pela metade do preço que botaram da passagem da VARIG. Então foram levando, foram levando, foram levando. O Governo quebrou a VARIG. E o meu amigo Lula terminou de enterrar. Isso é um negócio que vai ter uma CPI para provar. Isso é um escândalo. Uma imoralidade. Essa empresa que comprou, é a primeira vez no mundo que uma empresa de ônibus compra uma empresa de aviação. A empresa de ônibus de repente é dona de uma empresa de aviação, a mais moderna do mundo. Então nós sofremos isso. Quer dizer, agora foi lá a nossa querida Igreja Universal e compra um Correio e a Rádio Guaíba, TV Guaíba. Três marcas tradicionais na nossa história, na nossa biografia, Correio do povo no mundo, no Brasil inteiro tem o seu nome. De repente não é nosso. Perdemos o controle.

Então, são coisas que estão nos marcando. Coisas difíceis que estão nos marcando.

Então, esse problema já iniciou lá no início. Para nós ter Aços Finos em Piratini foi uma guerra. Foi uma guerra. Porque o Governo não admitia indústria de aço no Rio Grande do Sul. Não tem minério, não tem consumo, não são coisa nenhuma. Nós conseguimos os Aços Finos em Piratini, o Rio Grande do Sul, com o seu dinheiro, construiu Aços Finos Piratini. Ela construiu sem um tostão do Governo Federal. Chega uma determinada altura ela foi construída para 450 mil toneladas. O Rio

Grande do Sul completou o funcionamento, mas... Então ela tinha 80% já pronto para 450 mil toneladas, mas 20% era só para 150 mil toneladas. Então ela produzia 150 mil toneladas, mas com uma infra-estrutura de 450 mil.

Então, estava sendo difícil competir dessa maneira. Então precisava completar. E exatamente nessa hora que precisava completar o Rio Grande do Sul entrou na crise. Nós damos a Aços Finos de Piratini de presente para o Governo Federal, para o Governo Federal com o compromisso a se instalar uma Lei de Assembléia Legislativa com o compromisso do Governo Federal completar os 450 mil. Não completou. Privatizou. E nós não temos um tostão até agora. Quer dizer, nós construímos, demos para fazer, para ficar dela patrimônio nacional, para completar 450 mil. Não completou, privatizou e não aconteceu nada. O pólo, meu Deus, foi uma guerra, o pólo, tinha o pólo tradicional de São Paulo, um pólo que foi feito ao natural, quer dizer, não tinha tradição, não tinha tecnologia, não tinha nada, foi feito uma aqui, outra aqui, outra lá, aí o Governo fez um pólo espetacular na Bahia, com o que tinha de mais moderno, de mais importante aí chegou a hora de crescer, de fazer mais um pólo. E deu uma guerra. São Paulo achou que tinha que ser São Paulo, tudo era São Paulo, comércio, a produção, a matéria-prima, eles achavam que tinha um terceiro pólo que devia ser a duplicação do pólo de São Paulo e os pólos de São Paulo tinha que ser modernizado, uma coisa mais moderna. A Bahia achava que tinha que ser a duplicação da Bahia. Se o negócio estava dando certo, o que tinha de mais moderno do mundo, espetacular, tinha que ser da Bahia, o Rio de Janeiro achava que tinha que ser no Rio, o Rio era o principal, a Bahia tinha passado para trás, o Rio o principal produtor de petróleo porque não o pólo, o petróleo do Rio? E lá no Rio Grande do Sul queria que fosse o Rio Grande do Sul. E por uma razão que tinha que distribuir, não podia ficar só ali. Tinha que ser uma no nordeste, uma no centro e uma no sul. Foi uma guerra, olha, foi uma guerra. Vocês não calculam, foi uma guerra, Rio Grande do Sul quase se pegou em guerra e o Presidente era o General Geisel. Talvez o Brasil não conheça isso do Rio Grande do Sul. O Brasil é quase um País diferente, nós, por exemplo, quando nós fizemos a Revolução de 30 que nós ganhamos e que foi feita a revolução de 30 contra São Paulo, porque São Paulo era tudo São Paulo, era tudo São Paulo, era tudo São Paulo, naquela época, São Paulo tinha 18% da produção nacional. O Rio Grande do Sul tinha 12%, estava em segundo lugar. Aí nós tivemos 20 anos de Getúlio, mais 5 anos de Jango, mais seis generais durante a ditadura, hoje nós temos 7% e São Paulo 45%. Quer dizer, passaram, esses gaúchos todos, o Getúlio Vargas, 20 anos foi na minha opinião o maior Presidente do País, um homem público, o maior do Brasil, menos para o Rio Grande do Sul, não deu nada para o Rio Grande do Sul em 20 anos. Tinha para ser uma ponte entre São Borja e São Tomé, uma coligação com o Uruguai, com a Argentina, quando o Getúlio chegou na Presidência da República, os gaúchos de São Borja que tinham patrocinado a revolução, com cabeças de gado, foram falar com o

Getúlio, e o Getúlio, “o que eu vou fazer por São Borja?” O fazendeiro mais afoito, “Presidente, a nossa ponte”. E o entendente que era prefeito: “Cala a boca, rapaz. A ponte é coisa nossa. Sr. Presidente, o senhor agora cuida do Brasil. De São Borja nós cuidamos” E a ponte foi sair 50 anos depois feita pelo Juscelino.

Então, chega uma hora, que foi uma dura a briga. A briga foi tão dura que o Geisel que já tinha uma certa simpatia pela Bahia, o Geisel era ligado ao pólo da Bahia, fazia parte do Conselho do Pólo da Bahia, então, ele tinha uma simpatia pela Bahia. Aí veio uma reunião, não dá para acreditar, foi uma reunião feita onde todas as forças vivas do Rio Grande do Sul foram chamadas. Todas. Em plena ditadura. Desde o Sindicato dos Trabalhadores, o bispo, a imprensa, todo mundo se reuniu e o Geisel topou ir nessa reunião. Então nessa reunião, o Governador Guazzelli, nomeado pela ditadura, na hora de dar a palavra em vez de falar, disse: “Eu vou dar a palavra para o Presidente da Comissão, terceiro Pólo Petroquímico lá do Rio Grande do Sul, que é o Deputado Pedro Simon”. Os caras ficaram me olhando assim... Aí eu falei. Eu contei a história toda. “Olha, General Geisel, o senhor está com medo que São Paulo e Rio que não gostam muito do Rio Grande do Sul, tem mania de dizer essa gauchada, então o senhor tem o medo de dar o pólo para o Rio Grande do Sul e cobrarem do senhor. Mas, o senhor não der o pólo para o Rio Grande do Sul, o senhor vai fazer um crime para o Rio Grande do Sul”. E para surpresa de todo mundo, ele deu o pólo para o Rio Grande do Sul. Agora par o pólo sair no Rio Grande do Sul, eu falo porque foi antes de mim, principalmente com o Governador de Souza, gastou 300 milhões de dólares naquela época porque toda a infra-estrutura e toda a parte, nós já vivíamos um novo momento, não é que nem na época de São Paulo que não se falava em poluição, então, o cara pegava os resíduos, botava no Tietê, ninguém cobrava nada, na hora de fazer o pólo no Rio Grande do Sul, era uma guerra, Perto de Porto Alegre, fazer um pólo, como é que vai ficar e a água do Rio Guaíba...

Então, o pólo do Rio Grande do Sul até hoje é o pólo mais moderno do mundo em combate à poluição. Foram 300 milhões de dólares, que o Amaral de Souza gastou dinheiro do Rio Grande do Sul, e deu para nós preparar no mesmo momento em que estávamos brigando para trazer o pólo, nós preparamos e gastamos e o Governo do Estado fez o negócio para na hora, quer dizer nós queríamos deixar diante do fato consumado e o pólo foi para o Rio Grande do Sul. Ainda na época o Geisel deu um único lance, o Guazzelli embarcou. “Olha, nós vamos fazer o seguinte: Nós vamos dar o pólo para a Bahia. Então a decisão vai ser, nós vamos duplicar o pólo da Bahia, mas no mesmo ato, nós vamos assinar que o terceiro pólo, vai ser no Rio Grande do Sul” E o Guazzelli vibrou, telefonou para mim, dizendo. “Uma maravilha”. “Está doido, rapaz? Vai sair o pólo da Bahia e quando é que vai sair o nosso?” “Mas, logo”. “Que logo? Até hoje não saiu”. Quer

dizer, o terceiro, o outro não saiu até hoje, se tivesse em vez de fazer o Rio Grande do Sul, duplicado da Bahia, até hoje não tinha o outro.

Então, vejam que a coisa é difícil. Aí vem a discussão, quer dizer, o Governo tinha uma tese, isso do Geisel, eu achava correta. Como é que se constituía? 1/3 Petrobrás, 1/3 capital estrangeiro, 1/3 capital nacional. Assim que se organizava o pólo, pólo de São Paulo, pólo da Bahia, o pólo do Rio Grande do Sul. Era isso, não tinha monopólio da Petrobrás, a Petrobrás não ficava de fora, não tinha a briga entre o capital nacional e o capital estrangeiro e a Petrobrás controlava. E deu certo o negócio, estava muito bem, obrigado. Mas aí passou haver as confusões internas, o adversário na época era da química, química que tinha um poderoso auxiliar, que era o Golbery, Chefe da Casa Civil, o Chefe da Casa Civil era o homem da química, estava ali, a gente dizia quando é que vai sair, quando é que não vai sair, daqui a pouco o Golbery veio com essa conversa, mas o negócio foi avançando. E estamos aí. Nosso medo lá no Rio Grande do Sul sempre foi de transformar o pólo do Rio Grande do Sul num pólo plástico, quer dizer, nós queremos e brigamos sempre, vem cá, mas e o nego de fumo, enfim, artigos mais finos para produção de medicamento, para a produção de coisa, que o que tá lá é importante, plástica, não sei o que, mas não é o supra-sumo da importância de um pólo que tem resíduo, que tem criatividade que tem produção, que tem significado. Isso com todo o respeito até agora não conseguimos. Nós estamos com um pólo mais plástico, mais alguma coisa, transformar o pólo na essência que nós quisemos, não. Ainda não conseguimos.

Mas nós estamos nessa discussão. No ano passado tive essa conversa. Aí entramos nós, se discutiu muito isso. A Chefe da Casa Civil na época era Ministra das Minas e Energia. E discutimos, discutimos com as empresas, discutimos, o Governo se manifestou ao contrário, a Assembléia também ao contrário, nós contrários e voltou atrás. Não se falou mais no assunto.

Então, nós estamos preparados para voltar a discutir como é que vai ser, como é que não vai ser e nós fomos surpreendidos com um negócio feito. Quer dizer, uma coisa dessa natureza, e o senhor vem me dizer que temos que fazer isso, fazer aquilo, o negócio já está feito. Uma coisa muito estranha. Eu tenho muito respeito pelo GRUPO IPIRANGA, mas acho que ele devia alguma coisa para o Rio Grande do Sul. Olha que assim como o Internacional deve a sua torcida, a IPIRANGA deve o carinho que o Rio Grande do Sul bateu IPIRANGA, IPIRANGA, IPIRANGA, era nossa bandeira. De repente, não nos comunicaram, o Presidente da IPIRANGA não teve à gentileza de ir ao Palácio Piratininga comunicar, olha, nós estamos negociando. A Governadora tomou conhecimento pela Folha de São Paulo, o negócio já estava feito. O Chefe da Casa Civil que era gaúcho, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul tomou conhecimento do negócio já feito por um jornal de São Paulo. Ninguém teve a gentileza de falar. Aí foram

depois procurar o Governador, foram comunicar o negócio feito. O Governador não tinha nada que dizer, muito obrigado, tal.

Agora, eu acho que têm coisas a serem analisadas. Primeiro, eu tenho o maior respeito pela BRASKEM, pelo crescimento, pelo desenvolvimento e a minha posição é com muito carinho, quero que entenda, com muito respeito, eu gosto muito do Sr. Odebrecht, acho um empreendedor, teve um passado na minha vida que não vou esquecer muito, veja como eu estou ficando velho, velho, velho, eu conheci o Odebrecht, o primeiro, tal, conversava, tal, discutia, aí para solucionar essas discussões, marcamos um encontro. Disse, "eu vou lá no seu gabinete falar". "Estou esperando". Aí eu estou lá desde as três horas esperando, entro, saio, três horas, quatro horas, e cinco horas, eu saio, dou um grito, o Sr. Odebrecht vem ou não vem? Se levanta um rapazinho ali, um guri. "Eu estou aqui". "Mas quem é o senhor?" "Eu sou o Sr. Odebrecht". "Mas, não é o que eu conheço". "Ah, não o que o senhor conhece é o meu pai que já completou 60 anos, e agora está na Presidência do grupo..." E aí, [risos], aliás, acho uma maneira espetacular, parece que aquele moço também já saiu. Tem que ver como é esse terceiro, já estou na terceira geração da discussão com essa questão.

Então, eu vejo é isto. Claro que intenção boa é importante, claro que vontade de fazer, sinceridade é importante, mas tem coisas que mais ou menos tem que ficar configurada para ser. Por exemplo, eu não consigo entender a PETROBRÁS. Eu não consigo entender. Eu defendi a PETROBRÁS na Comissão de Relações Exteriores quando o líder do PSDB queria fazer, considerar o Presidente da Bolívia *persona non grata* ao Brasil e exigia a demissão da diretoria da PETROBRÁS pela fraqueza da posição adotada na Bolívia quando nacionalizaram, entraram de uma maneira ridícula, quer dizer, pessoas amigas, companheiras, Presidente do Brasil, íntimos amigos, o cara fazer da maneira que fez, botando tropa Militar, aquela coisa toda. E eu votei contra, não deixei que fizesse aquilo e até o Líder do PFL retirou. Porque eu mostrei a posição do Brasil. O Brasil a rigor é o único País na América Latina, na América do Sul que pensa na América do Sul, no futuro da América do Sul, na grandeza desse território, que esse continente tem tudo para ser um grande continente. E o Brasil é que está fazendo isso, quer dizer, o Mercosul, essa coisa toda, o Brasil se preocupa com isso. Se nós tivermos uma decisão dessas nós terminamos com tudo, rompemos com a Bolívia, Argentina que não gosta de nós já fica com a Bolívia, a Venezuela já fica com a Bolívia, confusão. E eu expliquei o negócio da PETROBRÁS. A PETROBRÁS está fazendo isso, mas ela vai encontrar uma solução pacífica, essa coisa toda.

Agora, vamos falar com frieza, frieza. Não seria normal se no pólo do Rio Grande do Sul, se a PETROBRÁS não quer ficar com o controle, mas que tivesse as três empresas e a PETROBRÁS fosse de árbitro. Quer dizer, Araken 45 e não sei o que, porque o problema foi uma coisa que vocês fizeram. Me perdoe a franqueza. Vocês entregaram o

comando da Araken para dois pólos. Se a gente diz, monopólio não é bom. Isso é uma guerra reunir essa sociedade agora brasileira, dizer que ia terminar com o monopólio até, para nós manter o monopólio da PETROBRÁS foi uma guerra. O Fernando Henrique queria terminar. Tanto queria terminar, começou tirando a concessão. Quer dizer, a concessão dizia que monopólio estatal, é condicionalmente determinado. Não é mais. Hoje já se termina com o monopólio da PETROBRÁS mudando a lei, só tem a lei, não tem mais a Constituição. Mas foi uma guerra com o Fernando Henrique para ele recuar na privatização da PETROBRÁS.

Então, temos esse carinho, esse respeito, essa admiração pela PETROBRÁS. Achamos que ela está numa posição vanguardeira e agora com essa descoberta de novas tecnologias, acho que vai ser uma coisa fantástica, mas se a PETROBRÁS ficasse ali, a BRASKEM ficasse com o controle que tem da Bahia e a BRASKEM ficasse com toda a força no Rio Grande do Sul, mas com a PETROBRÁS de voto de Minerva nós gaúchos ficaríamos mais tranqüilos, me desculpe, mas mais tranqüilos, porque há coisas que são naturais, há coisas que são naturais. Quer dizer, a Bahia levou e teve categoria, o Antônio Carlos ofereceu, ofereceu, nós lá do Rio Grande do Sul brincamos, não sei o que, quando foi ver, a FORD está lá na Bahia. E essas indústrias de segunda geração, essas outras indústrias que faltam no Rio Grande do Sul o nosso pólo está muito longe de ser o que era que ser. Essas novas indústrias estão ali paradas, era para ter hoje já a química fina, essas coisas todas que são as coisas que dão geração, que dão emprego, são usadas hoje na tecnologia do mundo inteiro. Nós não temos. E é natural que na hora da discussão dessas coisas São Paulo vai querer levar para ela, o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro está vindo agora com essa produção fantástica da produção de petróleo em São Paulo, não tem o que discutir. O Presidente Lula tem um compromisso com o Rio e vai fazer o pólo do Rio de Janeiro, vai ser um pólo moderníssimo. O da Bahia é um pólo espetacular, um dos mais modernos do mundo. Então nessa discussão, São Paulo é São Paulo, daqui a pouco nos manda plantar batata, e o Governo de São Paulo bota e banca, e faz o que quer.

Então, dentro desse contexto é que a gente fica nessa pergunta. Acho certo da PETROBRÁS. Não foi um ato de... Duas coisas, uma eu não vou falar, eu não vou falar, mas foi um desprendimento exagerado da PETROBRÁS. Ah, que nós não quisemos, nós não queremos, resolvemos voltar a entrar na produção de petróleo, na produção de petroquímico, mas não queremos controle. Controle nós não queremos. Pode até não querer, mas podia. Podia fazer com que lá no Rio Grande do Sul a BRASKEM ficasse com 48%, os outros 48% não sei o que, mas a PETROBRÁS tivesse o voto de Minerva. Isso nos garantiria com todo o carinho que nós temos pela BRASKEM, eu quero que V.Exª. entenda não estamos levantando nem dúvida, nem problema, nós estamos apenas levantando que daqui a cinco anos é o pólo do Rio, é pólo da Bahia, é pólo de São Paulo para discutir e nós no Rio Grande, perdoe,

nós estamos acostumado, na hora, é o disse o Deputado, é o fim do mundo, mas lá no fim do mundo.

Então, isso é que nos deixou angustiados. Isso nos deixou angustiados. Porque nós tínhamos um pólo. Hoje nós temos um pólo que é o controle, é do pólo da Bahia.

Então, é uma coisa que fica muito sob interrogação. O senhor é representante da BRASKEM, temos conversado, eles têm me procurado. A intenção deles é a melhor possível. É. É aplicar os 60 milhões, aplicar, crescer, avançar, até porque não me passa pela cabeça que a BRASKEM vá fazer um negócio desse e não vai querer crescer, não vá querer prosseguir. Se é para deixar fechar um negócio, que se dane, ela não ia entrar, se ela entrou é porque tem a melhor das intenções, quanto a isso eu não tenho nenhuma, eu não estou botando nenhuma dúvida, estou apenas dizendo que nas leis de mercado, da história, desenvolvimento e do crescimento, é o natural que daqui a sete, oito anos nós vamos ter que discutir, para onde vai essa indústria de química fina e São Paulo vai berrar de um lado, o Rio de outro, e nós? Só que nós não pitamos, quem pita é a Bahia, e a Bahia... Vá lá se tu votar contra vê o que é que o Antonio Carlos faz contigo, se tu não votar na Bahia. Vá à BRASKEM deixar de dizer que essa indústria não vai para a Bahia, vai para o Rio Grande do Sul, e decide voltar lá se o Antonio Carlos deixa o cara voltar lá na Bahia.

Então, essa questão eu considero delicada. Uma outra questão que fica nisso tudo, eu achei a deselegância da IPIRANGA. Eu tenho um carinho, são meus amigos, gente muito bacana, lutaram, e como a vida é engraçada, levaram 40 anos, só produzindo aquilo ali, não podendo produzir um litro a mais de petróleo. No final tiveram que fazer, construíram hotéis espetaculares lá em Manaus, que não tinha razão de ser, fizeram empreendimentos dos mais variados, por tudo que é lado para aplicar o dinheiro, que foram proibidos de crescer. E na hora de fazer a liberação não foi dada uma chance para a IPIRANGA nem para competir com as empresas que viessem de fora.

Então, de repente, não sei o que, “vem cá, vocês tinham, todos os anos vinham falar comigo que era para não derrubar lei, para terminar com o monopólio para vocês poderem crescer. Agora terminou”. “Mas, Senador, terminou de uma vez, foi muito rápido o negócio, nós não tivemos chance de poder fazer acordo”. Mas quando tiveram oportunidade de crescer, de avançar, de desenvolver, em vez de usarem o nome, repare que nós temos duas marcas fantásticas a IPIRANGA e a VARIG. A VARIG foi vendida por nada, quer dizer, as linhas que nós tínhamos, quer dizer, a GOL pegou, quer dizer, quanto é que vale a linha São Paulo/Nova Iorque, São Paulo/Tóquio, as linhas mais fantásticas que a VARIG tinha, a GOL ganhou de graça, de graça, porque o Governo quis fechar a VARIG. Essa que é uma coisa dura. Aqui a mesma coisa com relação à IPIRANGA. A IPIRANGA poderia nesse meio, no meio dessa discussão que deu, em vez da IPIRANGA

cair fora ela teria, eu acho até que vocês três, vocês três concordariam que ela participasse, que ela fosse adiante. Eu acho que ela não saiu fora por causa de vocês. Ela saiu fora porque quis sair fora... 4 bilhões. Não sei se eu também não saia. [risos], mas a verdade é que a IPIRANGA tinha um compromisso, como diz os trabalhadores. Foi ela e milhares de trabalhadores durante dezenas de anos. E foi embora sem dizer adeus. Não falou conosco, não falou comigo que tenho, passei 14 anos na Assembléia Legislativa, 16 anos na Assembléia Legislativa e estou há 25 anos aqui e não houve ano que a IPIRANGA não vinha aqui, agora com todo o problema, com o petróleo a nível internacional, foi a quase 70, 80 reais e a IPIRANGA estava quebrando, como é que ela ia produzir petróleo? Nós entramos, fomos lá, conversamos com a PETROBRÁS, temos que resolver uma forma, a IPIRANGA não tem como comprar petróleo a 75 dólares e vender e competir com a PETROBRÁS que tem o petróleo dela, petróleo dela.

Então, e a PETROBRÁS teve o gesto, grandeza, segurou e garantiu que a IPIRANGA fosse adiante. Isso fomos nós que fizemos. Na hora difícil eles já falaram conosco, na hora dos 4 bi eu não ia querer dinheiro nenhum, juro que não ia querer. Nem me passou pela cabeça, mas pelo menos conversar, falar, discutir, essas coisas que nós estamos falando aqui. Eu acho que nós tínhamos o direito de ter podido falar com a direção da IPIRANGA. Eles foram deselegantes com o Governo, deselegantes com a classe política e deselegantes com o Rio Grande do Sul. Portanto, que eu acho até engraçado, porque não tem um representante da IPIRANGA aqui? Eles deviam vir com a maior categoria. Eles não roubaram, a IPIRANGA não é dinheiro roubado, não venderam para estrangeiro, não fizeram agiotagem, não fizeram nada, fizeram um negócio limpo, negócio é correto, está tudo bem-feito, por que a IPIRANGA não está aqui? Porque o representante da IPIRANGA não vem conversar, dizer, olha, foi isso, foi aquilo, por que eles não vem aqui, porque no fundo eles estão com vergonha. Eles sabem que fizeram um negócio que de repente se dane, cansaram da luta e foram embora, mas até para cansar da luta, ir embora, podia dar uma explicação, a gente podia conversar e talvez até nessas condições a gente conseguisse uma condição melhor, mais favorável da PETROBRÁS no sentido de pelo menos eles continuarem com a refinaria lá de Rio Grande com outras, pegava esse dinheiro, venderiam, e ficava a PETROBRÁS garantindo para aumentar a produção e garantir uma produção em escala suficiente nas refinarias de Rio Grande, que é o que eu sempre pensei que podia acontecer.

Por isso é que nós vivemos essa situação, a última que corre em Porto Alegre, eu não acredito, mas é que o PÃO DE AÇÚCAR vai comprar a rede mais importante de supermercados que nós temos no Rio Grande do Sul, mas aí não sei o que vai acontecer, nós vamos, nós vamos... Por isso eu acho que se fosse possível e aí o representante, o Deputado Villaverde, diz muito bem nas reuniões que ele está fazendo em Porto Alegre, se dessas reuniões a gente pudesse botar no papel as

conclusões mais concretas e levasse adiante, porque isso tudo vai passar, os jornais estão aí, isso acaba, não sei, e o que vocês têm hoje é um contrato assinado que diz isso. É tanto para aqui, é tanto para ali.

Se nós fizéssemos uma série de coisas a serem feitas, ia garantir, acho que é o mínimo que nós tínhamos direito a pedir. Por exemplo, nós do Rio Grande do Sul, [inaudível] o próprio [inaudível]. Se ele pensar, IPIRANGA vai embora, arrecadação de todos esses postos, acelera no Rio Grande do Sul, quer dizer, arrecadação vinha para o Rio Grande do Sul, de repente desaparece, vai para o Rio, o que nós vamos fazer? E se o pólo BRASKEM está lá, o Pólo Petroquímico Rio Grande do Sul, a sede é em Rio Grande do Sul, é lá em Triunfo, está lá, se de repente é uma coisa só a BRASKEM resolve levar embora, quebra o Rio Grande. As duas maiores fontes de arrecadação... Então essas coisas deviam ser colocadas no papel com clareza para saber o que vai acontecer com a gente. O que vai acontecer com a gente, até com o Governo, com a economia do Rio Grande do Sul.

Olha, o Rio Grande do Sul hoje se perder a arrecadação do pólo petroquímico e se perder a arrecadação da IPIRANGA, eu não sei, é um quebra que já estamos quebrados, não sei aonde vai parar.

Então, eu acho, Presidente, que uma forma objetiva e clara, além de chorar que nem a gente está chorando e tal, mas tem coisas que não dá mais para fazer, daqui para diante nos reunir, e pudemos trazer nós e a Dª. Dilma com todo o respeito, todo o carinho, que é uma grande Primeira Ministra, candidata a Presidente da República, uma mulher extraordinária, mas ela é do Rio Grande do Sul, ela nos deve porque ela participou disso tudo e a Dª. Dilma não pegou o telefonema para dizer para a colega dela Governadora, olha, nós estamos fazendo isso, nem para o amigo dela aqui o Pedro Simon, olha Senador estamos fazendo isso. Ficou quietinha, quietinha, mas a Dª. Dilma pode nesse momento fazer essa participação, que é ver como é que fica o Rio Grande do Sul nessa questão. Bem não fica, mas pelo menos que não fique tão mal. Eu agradeço a todos os senhores, quero dizer ao meu amigo da BRASKEM, que eu tenho muito carinho, muito respeito pela direção e tenho muita confiança nesse sentido, mas que a minha fala é uma fala eminentemente fria em termos de Rio Grande do Sul. A nossa PETROBRÁS eu fico nessa angustia, né. Eu estou aqui, eu comecei, V.Exª. não tinha nascido lá quando nós batamos, subimos e fizemos a torre de petróleo lá na Praça da Alfândega e fizemos e construímos a fonte e apoiamos a polícia, defender o monopólio do petróleo e viemos nessa luta, eu me lembro os congressos dos estudantes, o mundo muda, monopólio do petróleo, monopólio do petróleo, era coisa comunista, foi vindo, foi vindo, hoje nós temos orgulho da PETROBRÁS. Os senhores nos abandonaram um pouquinho o Rio Grande do Sul. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Nós combinamos aqui na Mesa e com os Senadores que os Senadores farão

uso da palavra a Mesa no seu conjunto cada um fará as suas considerações. Nós temos quatro Senadores inscritos, Senador Mesquita Júnior, Senador Zambiasi e Senador Wellington Salgado. Senador Mesquita Júnior.

SENADOR PEDRO SIMON (PMDB-RS): Presidente, eu peço desculpa por ter demorado, estou encabulado agora.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Não, V.Exª. foi Governador do Estado, tem... Geraldo Mesquita Júnior. Tem uma história que a maioria não conhece em relação ao próprio pólo e a IPIRANGA. Eu acho que o senhor deu uma aula aqui para todos nós, e com certeza será produtivo, inclusive, encaminhamento final, que nós estávamos conversando aqui na Mesa que eu até ficaria muito satisfeito que a Comissão de Direitos Humanos que coordena esse evento junto com a Comissão de Assuntos Sociais e a Comissão de Economia possa construir, quem sabe esse documento, fruto até de uma Ata dessa reunião histórica aqui. Senador Mesquita Júnior.

SENADOR GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB-AC): Bem, Senador Paim, caros colegas Senadores--

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Senador me permite, o Senador Wellington Salgado pediu a palavra e o Senador João Pedro. Só para dizer o que o Senador João também está inscrito. Ele havia pedido a palavra, ele também está inscrito, mas a palavra está com V.Exª.

SENADOR GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB-AC): Quero cumprimentar os convidados aqui, tiveram a oportunidade de se manifestar cada um com seu ponto de vista e ouvindo aqui o Senador Pedro Simon e resgatando algumas coisas que foram ditas aqui. Eu vou dizer de início o que eu teria normalmente que propor ao final. E vou justificar porque farei isso. O que eu quero dizer e propor, Senador Pedro Simon, Senador Paim, Senador Zambiasi, sobretudo vocês três, é que nós constituamos uma Comissão Especial desse Senado Federal para acompanhar esse grande negócio que se constituiu a partir do Rio Grande do Sul e no nosso País. E vou justificar a razão dessa proposição. Nós acompanhamos aqui com angústia, com sofrimento, com tristeza o desenrolar e o desfecho do que o Senador Simon falou do enterro da VARIG. Eu tenho a impressão Senador Simon, que se nós tivéssemos 3 anos atrás, 4 anos atrás endurecido o jogo, constituído uma Comissão Especial de Senadores para acompanhar, olhem, e não foram poucos os avisos que nós recebemos do corpo funcional da VARIG, né, da sociedade, um verdadeiro clamor, nós tivemos aqui audiências, conversas e tal, mas eu tenho a convicção que se nós tivéssemos constituído uma Comissão Especial de Parlamentares para intervir, acompanhar *pari passu* o que estava acontecendo com relação à VARIG, eu não sei Senador Simon se o destino dela seria exatamente o que teve hoje, né. A VARIG debaixo de uma pá de cal, coisa inacreditável. Disse bem o Senador Simon, esse foi um negócio que

pegou a todos de surpresa, né. Um processo que teve um desfecho agora, mas é um processo que se reabre, é um processo em cima e sobre o qual nós deveremos ter a máxima atenção porque aspectos absolutamente preocupantes cercam essa negociação. Eu fico, assim, leigo, mas tentando entender o que é que está acontecendo. Por exemplo, na minha cabeça nenhuma empresa se desfaz de um negócio quando esse negócio é muito bom, o Olioni passou 20 minutos dizendo, cantando loas acerca da IPIRANGA. Se o negócio era tão bom assim porque se desfazer dele? Normalmente o que acontece é o seguinte. Quando um complexo empresarial, industrial vai muito bem o mais das vezes o que acontece é ele comprar outras empresas, incorporar outros ativos, outras empresas Paim. Essa é que é a lógica da coisa e não o contrário, quando vai muito bem não se desfaz do empreendimento. O que houve aqui foi exatamente isso. Segundo o Olioni a empresa estava muito bem e se desfez do grande negócio que era.

Eu não quero, olha, com todo o respeito, não tenho aqui o direito de estar levantando suspeita sobre absolutamente nada aqui, mas é a história que nos informa, a história de negócios dessa natureza e desse porte principalmente do nosso País, a história nos dá exemplos e não são exemplos muito interessantes do ponto de vista do povo brasileiro, do consumidor, dos trabalhadores, né. O que é que acontece normalmente com as exceções de praxe? Quando um complexo empresarial industrial se junta com outro complexo industrial empresarial no nosso País, duas coisas costumam acontecer, duas mãos assim, eu vou até simbolizar a coisa. Um complexo aqui, outro aqui se juntam normalmente é para enforcar o pescoço do consumidor. Isso acontece em regra. Isso acontece em regra. Normalmente as duas mãos se juntam para dar com uma enforcada no consumidor e na população. Quando não ocorre simultaneamente o seguinte as duas mãos enforcando o consumidor e garroteando o público interno, ou seja, trabalhadores, aqueles que fazem parte, sim, do complexo empresarial, né. E que, talvez, seja a parte mais importante nesse complexo empresarial, né. Porque sem eles eu duvido, né que o empreendedorismo, a boa vontade, inclusive o capital vá para algum lugar sem o conjunto dos trabalhadores, então, é algo que me preocupa muito porque repito, o histórico no nosso País nos diz exatamente isso.

Eu mostrei, inclusive, para o Senador Simon aqui, o retrato não é nem preto e branco é colorido, o retrato de uma passagem, de uma situação para outra que traduz tendência à concentração, a monopólio, a cartelização de negócio, está aqui o retrato.

Senador Wellington, olha, antes razoavelmente distribuído o negócio e depois do negócio. Olha aqui. Isso aqui é algo extremamente preocupante. Algo extremamente preocupante.

Então, olha, não se trata de querermos interferir na atividade econômica. Não se trata disso, não. Agora, os precedentes que dizem respeito, inclusive, a verdadeiras bandeiras instaladas no Rio Grande do

Sul e com projeção nacional como a própria VARIG, né, o que aconteceu com a VARIG não nos dá o direito de nos furtarmos a participar dessa, a acompanhar esse processo, acompanhar mesmo, acompanhar. Saibam os senhores que a bancada dos Senadores do Rio Grande do Sul aqui se eles que estão mais atentos à questão, se eles apontarem para distorções, para possibilidades de o Estado mais uma vez ser sacrificado, né, Senador Simon lembrou muito sutilmente aqui. E o ICMS? É uma questão séria essa. Saibam todos que se a bancada do Rio Grande do Sul sinalizar aqui e apontar fatos graves que possam vir a acontecer que traduzam prejuízo ao Estado, prejuízo aos trabalhadores ali instalados eles terão solidariedade irrestrita dos outros 78 Senadores daqui. Vocês podem ter certeza disso. Podem ter certeza disso.

Portanto, Senador Paim, não quero me estender, eu quero me fixar na proposta que eu estou fazendo aqui de Constituição de uma Comissão Especial de Senadores, me coloco, inclusive, à disposição para compô-la, para que a gente acompanhe minuciosamente esse processo, o desenrolar desse processo doravante, porque já que não tivemos a possibilidade de participar, sequer, da discussão, do desenrolar das tratativas, né.

Então, o desdobramento desse processo deverá sofrer um monitoramento próximo e severo, severo no bom sentido, severo no sentido de que as coisas precisam correr a contento. Esta é a minha proposta e repito. Me coloco à disposição caso essa Comissão seja constituída para que a gente possa manter esse assunto 24 horas no ar. Entende? Para não permitir que, para que a gente não seja pego de surpresa mais uma vez. Já fomos no fechamento do negócio. Agora, o fechamento de um negócio desse pode ter desdobramentos graves e sérios. É aí que eu estou me referindo. Se não tivermos um monitoramento próximo ali 24 horas por dia nós podemos ser mais uma vez surpreendidos e depois não adianta a gente ficar chorando o leite derramado. Temos que evitar que ele seja derramado.

Portanto, é essa a minha proposição Senador Paim e mais uma vez parabenizo a iniciativa dos três Senadores do Rio Grande do Sul de trazer uma questão complexa como essa para a discussão nessa Casa, né, com repercussão em todo o País.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Passamos de imediato a palavra ao Senador Sérgio Zambiasi.

SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS): Obrigado Senador Paim, colegas aqui presentes, Senador Simon fez uma exposição didática, histórica pela própria memória que ele traz de todo o processo da questão petroquímica no Estado, foi um dos precursores de todas as negociações e, portanto, acho que foi uma verdadeira aula para todos nós, essa é a manifestação que Simon trouxe aqui.

Eu repito aqui, Paim, na intervenção que fiz contigo, na primeira manifestação que tivemos no Plenário, inicialmente do nosso ponto de

vista, foi um grande negócio para a BRASKEM, para a PETROBRÁS, para a ULTRA e para a IPIRANGA, de outra parte há uma certa frustração no processo também, para nós, porque há um ano, dois anos atrás nós acompanhamos os representantes da IPIRANGA aqui de porta em porta, de sala em sala pedindo socorro e lá estávamos nós fazendo reuniões numa delas, até o Governador Rigotto, se eu não me engano esteve presente aqui, reuniu toda a bancada gaúcha e recebendo a solidariedade do Congresso Nacional e de repente acontece um processo desses surpreendendo a todos. É claro que gera uma expectativa negativa especialmente com aqueles que de um momento para outro se vêem sob as ordens de um novo patrão. E eu vivi experiência assim na minha vida privada, eu vivi a venda de um grupo que eu trabalhava para um outro. Eu passei 60 dias, sem conhecer os novos diretores, sem saber quem era, passando por mim, não me cumprimentando, talvez não tenham idéia do significado da estima de um trabalhador quando acontece um fato desses. Isto é altamente relevante. Um negócio desse tamanho. Preocupar com a auto-estima do sujeito que eu não cumprimento? Sim. Tem que se preocupar com a auto-estima, porque ao final a produção depende da auto-estima desse cidadão e dessa cidadã. Isso realmente é muito sério. E são, pelo que eu estou vendo aqui do documento distribuído para o Sindicato dos Trabalhadores, são 2.200 trabalhadores dos 2.500 que estão no pólo, que passam sob o comando do novo patrão. Quer dizer, é realmente algo extremamente angustiante. Quer dizer, são dois sentimentos, de um lado para nós aqui no Congresso, aquele sentimento de termos sido traído pela IPIRANGA, pela família, porque os representantes da família estiveram aqui, vieram falar conosco, quer dizer, no momento em que o calo estava apertando, no momento em que a crise internacional estava vendo essa matéria do Jornal Valor, está muito interessante aqui, quando o setor estava chegando a quase um colapso, a mobilização do Congresso, bancada gaúcha, Parlamentares de todos os Estados que de alguma maneira tinham algum tipo de interesse, abordados constantemente no nosso papel, fizemos o nosso papel, acho que trabalhamos intensamente no sentido de resgatar, de recuperar e de sermos parceiros. E de outro lado esta preocupação me parece uma das maiores.

Então, se até agora, de forma muito pragmática, se até agora esse negócio foi bom para a BRASKEM, para a PETROBRÁS, para a ULTRA e para a IPIRANGA, nós precisamos da garantia de que o negócio seja bom para o Rio Grande do Sul, para os trabalhadores do setor, que se transmita o compromisso, que se trabalhe a auto-estima daquele sujeito que trabalha a noite toda, ou todo dia, chega de manhã cedo, chega à noite do seu turno na expectativa de... Estar demitido? Então, esse é um compromisso muito sério. E também, né, de um lado, Carlos Heitor, aquela questão da euforia que se colocou aqui, dá até para compreender. No momento em que o Rio Grande do Sul pena uma das suas maiores crises financeiras da história, traz aqui, está quase mendigando junto ao Governo Federal, uma solução para os seus

problemas, com a federalização das estradas, com a dívida da CE, para a gente chegar a dois bilhões de reais, no momento em que o Estado não tem dinheiro para pagar seus servidores, acontece um negócio desse tamanho, dá a sensação de que tem gente que ainda acredita no Estado, então, acho que a questão da euforia, Carlos, foi neste viés. Olha, apesar de toda a crise um negócio desses ainda ele mexe um pouco com os valores do Estado.

E por último como o Simon abordou, realmente a questão que preocupa enormemente, se nesse momento já não tem arrecadação para pagar os servidores, imagina se houver uma queda na arrecadação do ICMS. E, talvez, seja o ponto, então os dois fatores fundamentais no processo. A relação com os trabalhadores, o compromisso, se tem investimento primeiro não demitir, segundo contratar. E por outro lado este outro aspecto, agora esse novo fator, Alexandre, está começando a percorrer a preocupação do Estado que é a dúvida sobre possível perda da arrecadação do ICMS que isso seria extremamente grave, provocaria seguramente uma reação muito, muito, muito séria. A euforia da semana passada pode se transformar num sentimento de frustração o que não seria bom.

Então, essa, talvez, uma manifestação do grupo seja também realmente muito interessante. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Passamos a palavra ao Senador João Pedro para que faça as suas colocações e perguntas que assim entender à Mesa.

SENADOR JOÃO PEDRO (PT-AM): Bom dia a todos e a todas, eu quero dizer ao Presidente Paim, Senador Paim que eu estou inaugurando a minha participação numa Comissão, assumi ontem no Senado da República, na vaga do Senador Alfredo Nascimento que está trabalhando, que foi convidado pelo Presidente Lula para voltar ao Ministério e eu espero que ele faça um exitoso trabalho e quero fazer aqui uma reflexão às lideranças do Rio Grande do Sul, aos Senadores que provocaram essa Audiência Pública para refletir uma questão. Essa relação das empresas, do capital com a sociedade civil. Parece que se pode tudo, né, e essa, o princípio da incorporação, da ampliação é correto, mas o que não dá é para as lideranças do Rio Grande do Sul, a sociedade, os sindicatos ficarem à margem de um processo que eles dizem exitoso, grandioso.

Então, e nós estamos brigando por uma sociedade justa, democrática, e democrática é isso, é compartilhar, é refletir. Tem que ser bom para todos. E eu tenho o maior carinho pela história da PETROBRÁS e a PETROBRÁS faz muito na minha região, vem fazendo, espero que faça mais lá no Amazonas, não é, lá em Cauari, a PETROBRÁS tem, aplaudo a postura da PETROBRÁS e a sua história, ela nasce, né, no sentimento grandioso do povo brasileiro, mas é preciso ter um olhar. Para mim essa discussão tem vários simbolismos. E eu venho aqui falar para combinar uma relação, olhar lá do Norte, já falou

o Acre, e o Amazonas. Têm os interesses regionais, mas esse assunto não diz respeito ao Rio Grande do Sul, diz respeito a uma relação, né, de interesse nacional. De interesse nacional.

Então, eu quero aqui compartilhar das preocupações dos sindicatos, das lideranças, da Assembléia Legislativa, né, no sentido de nós acompanharmos essa Carta Compromisso das três empresas rigorosamente, rigorosamente acompanharmos isso. E a minha fala é nesse sentido, de zelar, de fazer com que o Brasil cresça numa relação mais transparente. Considero um desrespeito, eu vivo numa região que dorme, né, e acorda com preocupações pelo número de empresas que lá estão, essa experiência da Zona Franca, mas aqui e acolá os procedimentos são os mesmos, decisões importantes onde as lideranças, a sociedade civil ela é acordada, né, em sobressalto porque não participou.

Então, isso é uma relação para mim ultrapassada e nós precisamos lutar pelas relações transparentes e de respeito à sociedade civil.

Então, essa, o Senador Pedro Simon levantou uma questão além de conhecer nesse debate a dívida do Presidente Getúlio Vargas com o Rio Grande do Sul. Eu tenho dívidas, né. [risos]. E desse grande Presidente, desse grande brasileiro, mas eu quero, então, prestar, ficar ao lado de vocês e me colocar à disposição de acompanhar esses compromissos. O negócio foi feito, mas é inaceitável esse tipo de relação, de relação com a sociedade civil nesse caso com as lideranças do Rio Grande do Sul.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Eu passo a palavra ao último Senador inscrito, Senador Wellington Salgado, lembrando que participaram hoje desse debate 16 Senadores de forma direta e indireta que estiveram aqui, registraram a presença e deixaram a solidariedade a essa Audiência Pública das três Comissões a pedido dos três Senadores do Rio Grande. Senador Wellington Salgado.

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB-MG): Caro Presidente Senador Paulo Paim, demais componentes da Mesa, Senadores presentes. Eu fiz questão de estar presente aqui Senador Paim porque toda a minha vida eu sempre ouvi falar que o povo do Rio Grande do Sul e tenho certeza disso é um povo trabalhador, acorda cedo, trabalha, luta, vai dormir tarde, e, no entanto, a gente vem observando que desde a mudança de uma empresa de veículos para a Bahia, que é uma conquista da Bahia, vem acontecendo uma série de fatos que vem enfraquecendo a economia do Rio Grande do Sul. Isso me deixa um pouco preocupado e até mesmo porque eu vejo a atuação dos três Senadores do Rio Grande do Sul nessa Casa. Os Senadores lutam o tempo inteiro pelo Rio Grande do Sul, inclusive, Senador Paim, Senador Pedro Simon, Zambiasi, eu procuro me inspirar muitas vezes, até comento com os senhores, para defender Minas da mesma maneira que V.Exªs defendem o Rio Grande

do Sul, mas a gente vê que a todo o momento acontece algum fato que acaba enfraquecendo a economia. A gente vê as dificuldades que a Governadora vem passando, o Senador Pedro Simon, discutindo, procurando, V.Exª. também Zambiasi, saídas para poder superar a crise, independente de partido, independente de ideologia, independente de raça, de credo, vocês estão sempre lutando pelo Rio Grande do Sul. E vejo também dois grandes Ministros fortíssimos, que é a Ministra Dilma, a quem eu sempre defendo, vejo o carinho que ela tem pelo Rio Grande do Sul e o Ministro agora da Justiça o Tarso Genro. Quer dizer, o Rio Grande do Sul tem força nesse Governo, não só pela atuação dos Senadores, mas também pela presença dos Ministros, muito reconhecido pelo Presidente.

Eu não sou contra incorporações de maneira alguma. Eu sou contra incorporações que no mundo atual que nós vivemos que é um mundo em que as empresas exercem a liderança, não é mais aquela relação de emprego e empregado, tem que ser uma relação de liderança no bem para todos, eu vejo isso. Eu sinto nas empresas que eu lidero que muitas vezes você tem que tomar algumas atitudes perversas, digamos assim, mas eu procuro sempre quando eu estava à frente das empresas da minha família procurava sempre fazer algo que me levasse a cuidar desses colaboradores dessa empresa da melhor maneira possível e que a empresa estando bem todos vão estar bem, isso aí eu sempre defendi isso, e consegui ser respeitado nas empresas que eu liderava por essa razão. E até mesmo quando a empresa ia bem todo mundo ia bem.

Agora, eu fico muito preocupado com essa situação porque, e quero deixar bem claro aqui que estão presentes os dois Senadores, mas está presente aqui o meu inspirador político e eu acredito de muitos Senadores dessa Casa que é o Senador Pedro Simon, um homem que luta pelas causas justas, e que qualquer documento, Senador Pedro Simon, Senador Zambiasi, Senador Paulo Paim, visto que é um problema que V.Exª. tem um conhecimento muito maior do que o meu conhecimento sobre o assunto, mas qualquer assinatura que necessite, claro, que não sendo contra Minas, [risos] para deixar bem claro que eu vou assinar porque já estando Pedro Simon eu já assinaria direto, mas estando Paim e Zambiasi aí nem se fala, aí a assinatura é com força, mas profunda e com mais tinta, digamos assim, porque realmente é um pouco assustador, eu vejo o Rio Grande do Sul se esvaindo, eu vejo aquela economia forte, eu sinto que alguma coisa vem acontecendo, e é preocupante essa situação. Será que os impostos vão ser recolhidos na matriz, vai ser recolhido lá, aonde vai ser a matriz, quer dizer, toda uma questão que tem que ser debatida, além do emprego, porque se tirar recurso, o que a gente tem que fazer, eu sou até suspeito porque São Paulo realmente daqui a pouco vai pedir a independência, porque está levando tudo. Já levou, foi beneficiado historicamente, né, porque o País botou o dinheiro lá para criar as empresas automotivas, e com aquilo desenvolveu todo o Estado e hoje

50% do óleo brasileiro é gasto em São Paulo. Não é isso? 50% do óleo brasileiro gasto em São Paulo, você deve ter uma informação parecida.

Então, quer dizer, fica difícil. Se não tiver alguém controlando essa distribuição e administrando a melhor maneira possível não só o Rio Grande do Sul vai sofrer como outras partes do País.

Então, Senador Pedro Simon, Senador Paim, Senador Zambiasi, eu queria dizer a V.Exª. que dependendo da assinatura desse Senador por Minas que eu acredito piamente no documento que V.Exª. possa mandar para mim, vou assinar, vou defender, vou encaminhar porque realmente não pode nós termos aqui pessoas com uma insegurança no olhar que a gente está vendo agora. Todo mundo quer sair de casa, trabalhar e voltar para casa sem nenhum fato novo no meio do caminho. Acho que isso é o que todos nós queremos, chegar, trabalhar, saber que no final do mês, ou da quinzena, vai ter seu ordenado e vai proporcionar para a sua família, o melhor, que puder, aquele salário conseguido com suor e o povo do Rio Grande do Sul sua a camisa. Não tem história do povo do Rio Grande do Sul que não trabalha, nunca vi em lugar nenhum, nem em livro, nem na história que eu li e reli nos livros todos.

Então, eu queria dizer o seguinte Senador Paim, Presidente dessa Comissão, que documento que precisar assinar, o que tiver que encaminhar, o que tiver que acompanhar, para que haja uma solução onde seja resguardado os impostos do Rio Grande do Sul, sejam resguardados os empregos desses pais de família que aqui estão, que V.Exª... Senador Pedro Simon nem se fala, Senador Pedro Simon é... Sou fã do Senador Pedro Simon, já me deu... Já me apresentou em alguns momentos que alguns tinham dúvidas sobre a posição do Pedro Simon, ele falou: Que isso, sou peemedebista, do Rio Grande do Sul, minha posição é essa. Ele serve de exemplo para mim na minha vida pública. Senador Paulo Paim, não vou me alongar mais, conte com meu apoio total as posições colocadas pelos três Senadores do Rio Grande do Sul.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Muito obrigado Senador Wellington. Eu procuro aqui na forma de encaminhar os trabalhos ser muito coerente, e como na abertura com que falaram primeiro os representantes do investimento feito, agora eu vou inverter, vão falar primeiro os representantes dos trabalhadores e em seguida falarão os representantes do investimento, ou seja, os três setores aqui tanto a ULTRA, a PETROBRÁS e a BRASKEM.

Então, na ordem de inversão eu passo a palavra de imediato ao Carlos Heitor Rodrigues, Presidente do SINDIPOLO. Eu quero só lembrar a todos o nosso problema de horário, às 14 horas nós iniciamos o Plenário, então, vamos tentar dirigir de forma tal que a gente consiga concluir essa nossa Audiência Pública até às 14 horas.

Então, eu pediria que cada um nas suas considerações finais aqui na Mesa fosse o mais objetivo possível. Eu acho que nesse momento da

Audiência Pública, eu vou tomar a liberdade de dizer para a Mesa, não dá mais para a gente fazer uma análise do processo. Eu faria mais um pedido que ficássemos na linha do encaminhamento porque esse é o grande objetivo dessa audiência e que no final eu tentarei, inclusive, contribuir nessa linha ainda do encaminhamento concreto. Pois bem, o chegamos aqui o fato é esse, todos fizeram aqui a sua exposição, como fica o amanhã? Então, eu faço um apelo ao Heitor nesse sentido. Com a palavra o Heitor, Presidente do SINDIPOLO.

SR. CARLOS HEITOR RODRIGUES: Primeiro a gente tem que registrar aqui a nossa avaliação aqui o quanto ficou evidente aqui a sensibilidade dos Senadores que se manifestaram sem desconhecer a importância do negócio que foi feito, mas a sensibilidade quanto ao ambiente que os trabalhadores estão vivendo no pólo petroquímico. De fato isso ficou muito claro, muito evidente aqui.

Surgiram várias propostas aqui por parte dos Senadores, Deputado Villaverde teve também propondo aqui e que na verdade não são contraditórias, né. E dentro do que a gente colocava Senador Zambiasi, nossa observação com relação à euforia é de que hoje a euforia, o entusiasmo daqui a pouco cai no esquecimento e os compromissos no momento da euforia e aí acaba as coisas na prática lá, no chão de [inaudível], como a gente diz, acontecendo.

Então, a partir de algumas manifestações do Senador Simon, Senador Zambiasi, Deputado Villaverde, Senador Paim, os três Deputados, que não é só desse processo, processo anterior, inclusive, a questão da troca de ativos, os três, esses três Senadores, desculpe. Os três Senadores, que a gente aproveitasse aqui, como sugestão, inclusive, como é que os Senadores, os outros Senadores, inclusive, interpretam, né, que esse fosse um momento, esse grupo de Senadores do Rio Grande do Sul, obviamente, dentro daquilo que o Senador colocou ali, se precisar do apoio, procure estabelecer aqui com as empresas, eu vou falar, aqui, é claro, não estou autorizado aqui na questão da distribuição, nem pela questão da refinaria, mas vou falar, claro que o pessoal vai se manifestar, mas que procure agora com as empresas, Senadores, com os outros que se agregarem aí, tirar um documento, né para que esses compromissos que venham sendo anunciados, sejam formalizados. Reiterar que nesse documento uma coisa, assim, hoje são 3.500 trabalhadores indiretos no pólo terceirizados, 2.500 diretos. Então, esse é o número do pólo hoje, né.

Então, para que nesse documento sejam amarradas as garantias a ele que não haverá demissões, que serão mantidos os postos de trabalhos existentes no pólo hoje de que os direitos a exemplo, por exemplo, do que foi atacado lá na Bahia, o Plano Petros, que a BRASKEM sabe muito bem, pessoal do sistema PETROBRÁS aqui, sindicalistas sabem o que é, entre outros direitos, sejam mantidos. Não é nem uma proposta, é uma sugestão para que nossa ser avaliada, né. Acho que a proposta do Senador Mesquita Júnior foi muito interessante

a proposta, né, de manter, uma Comissão Permanente e agora nosso entendimento, meu entendimento, que eu acho que as coisas são muito rápidas e como elas são muito rápidas e muito dinâmicas, a gente tem que ir amarrando formalmente algumas coisas para que daqui a pouco não se veja que fomos atropelados com o anuncio desse negócio. Então que a gente tenha já as devidas amarrações. Obrigado Senador, obrigado Senador Paim, Zambiasi, Simon, já estou encerrando e os Senadores que estiveram aqui presentes, as pessoas que vieram aqui acompanhar essa importante Audiência Pública aonde de fato foi focado o debate na questão, além do negócio que está em andamento a questão do interesse da sociedade, interesse dos trabalhadores. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Agradeço agradecer ao Heitor, tinha dado em torno de 4, a 5 minutos, ele não usou, inclusive, o tempo, espero que todos de forma objetiva para nós não iniciarmos todo um processo de debate na linha do encaminhamento. Faço de novo o pedido. Passo a palavra ao Ângelo Carlos Martins, Presidente da SITRAMICO.

SR. ÂNGELO CARLOS MARTINS: Eu fico muito satisfeito com essa Audiência Pública, e principalmente por se dar na Comissão de Direitos Humanos, porque nós estamos falando aqui é de coração, falando de alma, e isso é importante que a IPIRANGA sempre teve com essa relação com o Rio Grande do Sul.

Então, os Senadores foram de uma magnitude e aprofundaram esse assunto muito importante e fundamental para nós. Só gostaria de complementar de que na distribuição de derivados de petróleo aonde nós temos mais ou menos no Brasil 34 mil postos de gasolina, que isso aí quer dizer mais de 300 mil trabalhadores, a IPIRANGA tem mais ou menos 4.020 postos, isso quer dizer que tem uma relação direta entre a base de distribuição e o posto de revenda. Qual será a filosofia da ULTRAPAR? Até agora eu conheço a filosofia da IPIRANGA, da ULTRAPAR, através da ULTRAGAZ eu sei da relação com a ULTRAGAZ, que é terceirização, terceirização, terceirização. Quer dizer, precarização de trabalho.

Então, essa questão é fundamental para nós, para nós trabalhadores e eu gostaria de encerrar colocando de que a questão da marca, a questão do povo gaúcho e essa relação do Brasil que investe no Brasil, mas de que Brasil nós estamos falando? É do Brasil dos trabalhadores? Se esse negócio é um negócio que é bom para os empresários teria que ser bom também para os trabalhadores. Agora será que não é assim que estão fazendo a distribuição de renda neste País, 80 herdeiros hoje estão com uma distribuição de quatro bilhões de dólares. E nós trabalhadores? Finalmente começou a distribuição de renda no Brasil porque só assim que é distribuída a renda. 80 pessoas agora estão contando 4 bilhões de dólares. Enquanto nós trabalhadores, nós do Rio Grande do Sul estão aqui fazendo das tripas o coração, mas

vamos fazer com que esse sangue gaúcho contamine a questão dos brasileiros, não é uma questão só do Rio Grande do Sul, não só dos trabalhadores, mas também do povo brasileiro nas suas relações capital e trabalho que ainda não avançaram, continuam que nem no tempo da escravidão, vendidos como porteira fechada sem direito a ter voz só depois do leite derramado, mas agora com essa proposta feita a nós *pari passu* junto com os Senadores, junto com os Deputados estaremos zelando e verificando in loco o que é que está acontecendo. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Passamos a palavra ao José Marcos Olioni Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria, Destilação e Refinaria, SINDPETRO.

SR. JOSÉ MARCOS PINHEIRO OLIONI: Obrigado, Senador. O Senador Pedro Simon citou a nossa VARIG, Senador. O primeiro vôo da VARIG saiu lá daquela cidade do Rio Grande, num hidroavião. Recentemente vi as fotos do jornal da cidade lá. Aquela cidade parece que é o fim do mundo. Acho que se ela fosse um pouquinho mais adiante, ou nós teríamos nascidos leões marinhos ou focas ali da Antártica ou da Patagônia, mas sobre a venda da IPIRANGA, eu dormi no domingo no dia da venda como funcionário da PETROBRÁS, face aos vários telefonemas que me chegaram naquela noite, Paraná, São Paulo, Rio e assim por diante, mas na segunda-feira amanheci com mais três, ao invés de uma, mais dois, PETROBRÁS, BRASKEM e ULTRA. Nós gaúchos, como o senhor sabe, a gente costuma casar com uma pessoa só, uma mulher só. E a ela a gente se dedica a vida inteira.

Bom, eu queria colocar para todos os presentes da Mesa, os novos compradores da Refinaria IPIRANGA, bom, primeiramente eu gostaria que a PETROBRÁS assumisse aquilo lá. Porque ela tem o *know-how* do petróleo, ela conhece o refino de petróleo como os funcionários da Refinaria IPIRANGA também conhece, como o senhor pode ver lá *in loco*. Uma vez que o senhor esteve lá que eu vi o senhor passando lá na planta, o senhor lembra? Nós temos pregado nesse período todo que entendíamos que a PETROBRÁS deveria assumir na íntegra aquela refinaria tão importante para a região, para o Município e pelo Estado do Rio Grande do Sul, mas nós temos um problema seriíssimo lá, que essa empresa, nós estamos sem nenhum reajuste salarial há 40 meses. E esse processo está no TRT de Porto Alegre o Tribunal Regional do Trabalho ao qual eu tive a oportunidades de dizer para o senhor Juiz Presidente no dia que fui visitá-lo que não sabia o que é que a IPIRANGA pensava. Que entendia até que queriam acabar com a própria refinaria pelo jeito que estavam levando a fábrica e seus funcionários ao desespero. Foi colocado lá no Tribunal, tá? Bom, o Diretor de RH da PETROBRÁS, pessoa de elevada confiança me chamou a Porto Alegre me perguntou tudo sobre os funcionários da IPIRANGA, passei tudo para ele e coloquei para ele esse dissídio coletivo que estava sendo julgado. Perguntou quanto impactaria isso na folha e os números que eu dei para ele, ele achou que eram números extremamente baixos que não entendia o porquê a IPIRANGA não tinha

fechado acordo. Você imagina o impacto no dissídio por funcionários que 40 meses não recebem aumento salarial? O impacto de 68 mil reais à folha? Isso não é nada, mas até agora nós não tivemos nenhuma resposta dos compradores da Refinaria IPIRANGA. E parece, pelo que eu estou sentindo que estamos órfãos lá, estamos órfãos, eu tenho recebido ligação do nobre José, tem me atendido muito bem, tem me dado ânimo para que as coisas continuem que tudo vai dar certo, eu já disse para ele que lá vai dar certo se eles não deixarem de trabalhar acreditar em nós, talvez nós não conseguíamos fazer em 20 anos um outro império como a IPIRANGA, mas faremos com certeza um novo grupo cheio de saúde, vitalidade e que vai trazer muitos resultados para aquela região sul do Estado tão deprimida economicamente. Muito obrigado a todos, pessoal.

[soa a campainha]

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Passamos a palavra ao Sr. José Lima de Andrade Neto, Presidente do Grupo Petroquímica e Fertilização do Petróleo Brasileiro, PETROBRÁS S.A.

SR. JOSÉ LIMA DE ANDRADE NETO: Obrigado Senador, Srs. Senadores representantes dos trabalhadores eu gostaria de fazer algumas rápidas considerações em prol do tempo, apesar de terem havido vários questionamentos, mas eu vou tentar passar por aquelas que foram, digamos assim, as mais relevantes, aquelas mais recorrentes.

Primeiro eu queria chamar a atenção que essa operação, agora, é diferente da operação chamada há dois anos atrás, há um ano atrás chamada opção BRASKEM. Naquele momento havia uma discussão entre PETROBRÁS e BRASKEM e a IPIRANGA continuaria, mas ela perderia o papel e a posição de ser controlador lá no sul. Nessa operação o que houve de diferente é que a IPIRANGA resolveu vender a sua participação essa é a grande diferença entre as duas coisas e a PETROBRÁS entrou comprando parte da posição da IPIRANGA. Isso é diferente do que vinha sendo discutido antes.

Segundo: Essa operação está sujeito a acordos de confidencialidade, se assinam documentos, alguns acordos de confidencialidade e, obviamente, há uma preocupação até, porque os senhores mesmos sabem, não é? Sua Excelência sabe da questão de vazamentos ou empresas com ações negociadas em bolsa etc, isso obviamente de maneira nenhuma elimina a necessidade de se ser polido, educado como bem colocou aqui o Senador Pedro Simon em relação a se antecipar algumas questões, mas há, é obvio, um entendimento de que uma operação dessa ela não pode ser uma operação discutida publicamente infelizmente por quê? Porque envolve questões de preço de ações, envolve questões de CVM e outras questões.

E o terceiro ponto geral que eu queria deixar registrado aqui é o seguinte, todas as discussões sobre concentração, não concentração

existe um fórum instituído no País, um fórum legal para o qual inclusive deve estar sendo encaminhados todos esses dados e todas essas informações que é o órgão de defesa da concorrência, que é o CADE, onde lá vai se dar toda essa discussão sobre o processo, se isso realmente tem implicações para a defesa da concorrência no País ou não.

Então, só alertar que tem também esses outros aspectos a serem considerados. Agora, objetivamente, em relação a algumas questões que foram levantadas pelo Olioni, eu queria dizer, Olioni, que diferentemente do que o que você colocou, a PETROBRÁS, do Presidente da PETROBRÁS, do Diretor Paulo Roberto, da Ministra da PETROBRÁS nós não vamos entrar numa operação se não for para manter a refinaria operando. É o contrário. Não houve exigência de compradores. Houve uma posição do comprador da PETROBRÁS, o senhor sabe muito bem o compromisso dessa empresa com o Brasil, o compromisso da PETROBRÁS com as comunidades, com os lugares onde ela atua, ela não entraria caso não houvesse esse posicionamento. E chamou junto com os outros dois, Senador Pedro Simon, por isso que os dois, o compromisso de nós juntos buscarmos alternativas, não necessariamente apenas no refino. Se discutiu possibilidade de biodiesel, de fazer outras coisas que viessem a agregar mais valor, é óbvio que ela tem uma votação natural pelo fato de já ser uma refinaria, mas outras possibilidades que possam ampliar, crescer foram, estão sendo consideradas.

Então eu queria deixar claro a posição da direção da PETROBRÁS, a posição da PETROBRÁS ela tem um compromisso sim. Pode ser que ao final desse processo, Senador aconteça isso que o senhor bem colocou, a PETROBRÁS fique com a refinaria transforme ela numa refinaria maior é uma possibilidade e é uma possibilidade que a PETROBRÁS conta, mas não é a única possibilidade. Por isso nós deixamos em aberto a possibilidade de ver outras alternativas, mas é fundamental deixar claro que essa não foi imposição dos vendedores, essa foi uma posição da PETROBRÁS. Nós não vamos comprar ativos para extinguir ou para fechar ativos.

Outro ponto em relação a grupo de trabalho, já está constituído internamente na PETROBRÁS, ontem eu tive uma reunião lá com o pessoal da área do abastecimento, o Diretor Paulo Roberto já orientou a composição, vai ter gente do centro de pesquisa, vai ter gente da nossa REFAP, vai ter gente de várias áreas da PETROBRÁS que vai ser apresentada, então, ao pessoal lá para que se possa constituir aquela Comissão que foi compromisso na presença dos Senadores e do Senador Paulo Paim para que a gente possa trabalhar. A Comissão está sendo constituída. É importante dizer o seguinte, ainda não assumimos as empresas, está certo? Essa operação se dá na hora, tem um processo que ele acontece tem um cheque para ser pago, a partir daí tem toda uma transição a ser feito. Embora o Olioni tenha feito o comentário de que nada aconteceu, na verdade tem várias ações em

andamento e nós estamos nos preparando para que no momento que a empresa, o grupo consórcio assuma a gente já esteja pronto para apresentar e isso acontecerá provavelmente na semana que vem.

Bem, um outro comentário que eu queria fazer é o seguinte: Eu fico muito orgulhoso, a gente é muito orgulhoso Senador Pedro Simon, primeiro, o senhor é uma pessoa, é um ídolo para uma geração inteira de brasileiros, o senhor falou que eu estava brigando não tinha nascido, é verdade, mas muitas vezes eu vi o senhor e a gente brasileiros todos sempre esteve do lado certo das brigas, é aquele brasileiro que a gente admira e a gente sabe que a PETROBRÁS foi construída por pessoas como o senhor. Ela foi constituída pela crença de que era possível ter uma empresa brasileira, uma empresa com inteligência brasileira, com tecnologia brasileira para fazer coisas boas e conseguimos. Eu acho que o Brasil conseguiu e hoje esse respeito cada vez é mais forte dentro e fora do Brasil e nos orgulha muito quando a gente ouve todos os fóruns que nós vamos, a sensação de que todos gostariam de que a PETROBRÁS tivesse mais junta, que a PETROBRÁS como algumas faixas que eu vi no Rio Grande do Sul nós queremos mais PETROBRÁS, nos orgulha muito. Mas infelizmente não dá para ser tudo que a gente gostaria. A PETROBRÁS tem uma posição clara, um entendimento de um papel importante na petroquímica brasileira, como fornecedor de matéria-prima, a PETROBRÁS entende, foi a pergunta que o senhor fez, qual é a visão que a PETROBRÁS tem, qual é o papel da PETROBRÁS. A PETROBRÁS entende quando olha lá para fora e olha para o momento atual da indústria petroquímica que é necessário ter empresas, grandes e fortes não pode ser uma única, o senhor tem razão, daí, porque o senhor deve ter visto na imprensa, nos jornais uma grande discussão sobre um outro grupo no sudeste para competir com esse grupo para não se ter a sociedade brasileira refém um único grupo, presas apenas a um produto.

Então, esse é um ponto importante que a PETROBRÁS vê, ela é indutora do crescimento e mais... Aqui com o compromisso que queria deixar claro aqui é o seguinte: PETROBRÁS quando entra em todos os lugares que ela entrou ela nunca entra para diminuir, para reduzir. A PETROBRÁS em todos os lugares onde ela entrou, ela entrou para crescer para investir e é por isso que nós estamos entrando, porque nós acreditamos que nós vamos fazer investimentos, nós acreditamos, que nós vamos crescer.

Eu queria colocar aqui um exemplo que talvez valha para a... Quando a PETROBRÁS comprou uma empresa na Argentina, dizia-se a mesma coisa, era uma empresa familiar, as pessoas eram muito queridas, foi comprada, brasileiros comprando a empresa Argentina. Eu queria dizer uma coisa para os senhores e senhoras aqui presentes, a satisfação dos empregados depois cresceu muito, os empregados depois aquela relação que tinha com a família anterior hoje é a relação muito mais forte com a PETROBRÁS, porque os princípios e as premissas de gestão da companhia são princípio e premissas que agrega, que traz a

empresa é participativa, busca trazer o equilíbrio entre o seu crescimento e o desenvolvimento da sociedade e o desenvolvimento dos seus trabalhadores e ela vem fazendo isso cada vez com mais intensidade.

Então eu queria deixar claro que nós ao entrarmos nessa operação, a posição da PETROBRÁS, ela tem o entendimento: Somos sim minoritários, [soa a campainha], mas nós estamos buscando dentro desse papel minoritário termos o máximo de influência para que os nossos princípios e as nossas premissas, eles sejam os princípios e premissas que venham ao final ter curso dentro do que está acontecendo.

Se me permite só para concluir porque foram vários comentários, então eu vou ter que pular alguns para não me alongar muito. Eu acho que a preocupação dos trabalhadores é pertinente, cabe sim ao movimento dos trabalhadores esta preocupação, eu acho que a operação sob o ponto de vista societário ela está montada, está colocada, mas há dois ângulos que precisam ser olhados, ser analisados é o que estão sendo olhados e muito bem colocados pelo Senado, pelos representantes aqui do Senado aqui presente, principalmente pela bancada gaúcha. Qual é o efeito disso para o Estado, e qual é o efeito disso para os trabalhadores que lá estão? Essas são as duas questões que nós precisamos permanentemente estar olhando e está acompanhando e quero de plano deixar aqui a posição da PETROBRÁS que ela está absolutamente aberta, transparente, disposta, Senador em qualquer fórum, qualquer instrumento que seja colocado para vim para trazer e para prestar os esclarecimentos. Não só ao Senado brasileiro, aos Senadores da República da Brasil, mas também aos trabalhadores. Sempre que for convidado chamado a participar, discutir, estar presente nós vamos estar levando a nossa visão de como nós vamos e queremos para esse crescimento lá no sul. Também foi uma coisa que nós fizemos questão de discutir entre nós, sabemos que o GRUPO IPIRANGA tem uma relação muito forte nas questões culturais e sociais lá, também é um compromisso que a PETROBRÁS também assume junto com os demais de não abrir mão disso, pelo contrário os senhores sabem muito bem que a PETROBRÁS é uma empresa que atua significativamente nas questões sociais e culturais do Brasil e não vamos mudar isso no sul.

Eu espero que essas preocupações sejam vencidas, elas são lícitas, elas existem e são corretas, precisam ter encaminhamento e aqui além dos encaminhamentos técnicos, aqui há um encaminhamento político, mas, além disso, eu espero que a gente venha passado algum tempo ver um pólo pujante como sempre foi pensado e indo além do que ele faz hoje. Eu acho que o Senador Pedro Simon está absolutamente correto, a gente precisa crescer além das resinas plásticas e fazer mais coisas também no Brasil. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Muito bem. Passo a palavra ao Alexandrino de Alencar, vice-Presidente de Relações Institucionais da BRASKEM.

SR. ALEXANDRINHO DE ALENCAR: Muito boa tarde aí, eu acho que agora já é tarde, já estamos na tarde. Eu acho que foi extremamente profícua a discussão. Eu só gostaria de realçar aqui duas coisas extremamente importantes.

Primeiro que as três empresas têm ações nas bolsas de valores e tem a governança corporativa como realmente a coisa muito transparente e muito clara, muito aberta, e se a negociação só veio a público na hora que veio, é porque assim o negócio teria que ser feito. Agora, eu ia dizer até uma palavra, eu duvido que tenha grupos no Brasil que no mesmo dia, na segunda-feira faça o compromisso público que está escrito nos jornais, que é sem dúvida nenhuma, é uma cobrança que a sociedade pode fazer aos grupos. Poucos grupos fariam ou farão isso, porque eu acho que o nosso compromisso com o Brasil em especial com o Rio Grande do Sul.

Gostaria em cima do que o próprio Lima Neto comentou, esse compromisso com os trabalhadores e o compromisso com o Estado do Rio grande do Sul, nós temos isso muito claro. Eu acho que quem investe 700 milhões, já anuncia o investimento de 700 milhões de reais, um grupo como a BRASKEM que na liderança de um processo de atrair empresas de terceira geração para o Estado, um grupo que está dizendo que vai faturar daqui a 3 anos de hoje mais 1,5 bilhões de reais não significa que vai haver nenhuma redução de tributos, e ao contrário. Eu gostaria também de deixar claro que como a BRASKEM tem vários projetos de crescimento em Paulínia, na Venezuela no próprio Rio Grande do Sul realmente, trabalhadores e uma das coisas, uma das carências do Brasil de hoje, Senador, é mão-de-obra. Então mão-de-obra nós temos que estar preservando e temos que estar mantendo as nossas mãos-de-obra que são, o senhor sabe que é uma atividade extremamente técnica, mas é, ela tem suas especificidade e nós temos essa nossa preocupação de criar um bom ambiente de trabalho. Para a sua informação, a BRASKEM, ela, considerada uma das melhores empresas para se trabalhar um prêmio com destaque.

Então, eu acho ao contrário, eu acho, viu, Senador Paulo Paim? É um orgulho para as empresas brasileiras estarem investindo no Brasil investindo no Estado do Rio grande do Sul que eu acho que o próprio Senador Pedro Simon, o Senador Zambiasi falou muito das empresas, estão saindo. Ao contrário nós estamos injetando recursos no Rio Grande do Sul, estamos apostando no Rio Grande do Sul, a própria Refinaria de IPIRANGA eu não tenho a menor dúvida que daqui a um tempo nós vamos estar dizendo que volta por cima foi dada. Vocês têm que nos dar algum tempo, como diz o próprio colega Lima Neto, nós temos que ainda assumir de fato as operações das unidades para podermos aí, sim, podermos ter, vocês verem resultados positivos, mas

creiam na gente, dê um voto de confiança na gente, que eu acho que nós temos, nós precisamos estar agora olhando para as operações, está bom? Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Passamos a palavra ao Sr. Américo Genzini Filho, Diretor da ULTRA.

SR. AMÉRICO GENZINI FILHO: É a primeira vez que venho a essa Casa, se me permite gostaria de fazer algumas considerações pessoais. Meu nome é Américo Genzini, o meu avô veio da Itália era mascate, e desde então cheguei aqui o que me dá muito orgulho, mas para chegar aqui passei por várias circunstâncias que muitos de nós passamos na nossa vida pessoal e na nossa vida profissional. Fico muito feliz de participar de um debate aonde a maior preocupação é a criação de empregos é o crescimento do País. É muito bom ver isso, é muito necessário ver isso. Na década de 70 eu ainda era um menino e me lembro bem das taxas pujantes de crescimento do País, a sensação que eu tinha era de um País fantástico, de um País maravilhoso, via pessoas alegres, pessoas motivadas, pessoas sempre buscando novas oportunidades de negócios, de crescer. E hoje a gente vive numa circunstância diferente daquela, mas com uma grande expectativa que a gente volte a ter um crescimento daquela ordem de grandeza que eu acredito que é o caminho através do qual a gente vai resolver vários problemas que a gente tem no nosso País. Não é?

Tudo isso para voltar agora aos pontos que foram feitos, primeiro na questão do que foi colocado sobre filosofia da ULTRAPAR. Filosofia de ULTRAPAR é de crescer, queremos crescer, porque crescendo nós vamos gerar empregos, vamos distribuir mais renda a todas as pessoas que vierem a trabalhar conosco. Dessa maneira vamos colaborar para o País possa se engrandecer. Não conheço em particular as políticas da IPIRANGA porque acabamos de fazer a aquisição. Sou um consumidor e como consumidor e ao visitar os postos do IPIRANGA fico bastante impressionado com a qualidade dos serviços, portanto, imagino que efetivamente eles devam ter políticas que são superiores, que são políticas de excelente qualidade, mas também é importante ressaltar a ULTRAGAZ, de maneira semelhante é uma empresa de prestação de serviço, cujo maior ativo de todos são as pessoas. Na missão do GRUPO ULTRA está dito que um dos três pilares de sustentação da empresa, o primeiro é a paixão pelos seus clientes, o segundo é eficiência na gestão e o terceiro é gente. Se a gente não tem pessoas que desempenham o papel com amor, com dedicação não vamos a lugar nenhum.

Então, eu acredito que aos funcionários da IPIRANGA, que ainda não tivemos chance de ter um contato mais próximo, respeitaremos profundamente a vossa cultura, vamos procurar aprender bastante com vocês na operação, trazer provavelmente algumas das lições, algumas das políticas para utilizar na ULTRAPAR e de forma contrária também o

que faremos é procurar levar aquilo que consideramos que temos de bom para a operação da IPIRANGA.

Não deve haver nenhuma preocupação com relação a emprego ou postos de trabalho no que diz respeito a nossa operação no sul, uma vez que nós não estamos no segmento de classe. Portanto é uma operação para nós completamente nova, a maneira como a ULTRAPAR está estruturada é que ela tenha unidades de negócio embaixo, tem a ULTRAGAZ, tem a OXITENO, tem a ULTRACARGA e a IPIRANGA passa a ser mais uma unidade de negócio. E conforme eu disse no início o nosso grande objetivo é de crescimento. O crescimento como? Através de investimento. O que é que nós fizemos? No passado a ULTRAGAZ concentrada em São Paulo, após a desregulamentação do mercado foi para outros mercados do Brasil, foi para a Bahia foi para o Rio Grande do Sul chegou a alcançar no Rio Grande do Sul 14% de *marketing cher(F)* com investimento. Foi uma das empresas que investiu bastante na Região Sul, nos aviários quando com a Perdigão, com a Sadia para que essa, os criadores de aves pudessem ser bastante competitivos, foi a primeira empresa no Brasil a trazer o ULTRA SYSTEM que é um sistema de GLP a granel, e que é bastante eficiente para a área comercial, e o ano passado contratamos uma consultoria de negócios que fez um plano detalhado para nos ajudar a levar a nossa participação lá no Rio Grande do Sul de 14% para 20%. Que a gente espera estar realizando agora nos próximos anos. O crescimento do Rio Grande do Sul é muito bem vindo, é muito desejado por todos nós, porque vai significar mais oportunidades de trabalho, vai significar mais consumidores, vai significar o maior crescimento dos nossos negócios. E a IPIRANGA entra nessa direção também.

Eu acho que isso é um resumo dos pontos, fica aqui o compromisso de continuar a trabalhar nessa direção. No momento o nosso direcionamento está sendo para que junto com a PETROBRÁS, para que a operação da IPIRANGA faça os esclarecimentos que forem necessários para os seus funcionários e assim que possível nós esperamos ter um contato mais próximo e demonstrar a todos eles que se houve alguma coisa foi ganho e não perda.

Eu agradeço o convite que foi dado para o Dr. Pedro Wongtschowski e a Drª. Graça, eu vou encaminhar a eles para que depois a gente possa responder a vocês. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Passamos a palavra ao Deputado Adão Roberto Rodrigues Villaverde, que nesse evento representa a Assembléia Legislativa como um dos vice-Presidente.

DEPUTADO ADÃO ROBERTO RODRIGUES VILLAVERDE (RS-PT): Senador Paim, Senadores, demais representações de trabalhadores e das empresas, eu queria em nome da Assembléia Legislativa dizer duas palavras, não é? A primeira delas reiterar aquilo que eu havia dito no início, e fazer evidentemente uma leitura desta

reunião, não é? Essa reunião, de fato sobre ela tinham uma expectativa importante e acho que ela, ao longo, enfim do seu transcurso ela construiu esta idéia de que esta Comissão a partir da iniciativa dos Senadores e do peso e do significado que ela tem, e com a presença dos trabalhadores e das empresas que ela se constituiu de fato como espaço onde a gente pode consolidar pontos comuns, pontos acordos que eu tenho certeza serão importantíssimos para o Estado do Rio grande do sul. E a segunda palavra é reiterar duas outras coisas que são preocupações nossa do Estado do Rio grande do Sul. E muito referido na fala do Senador Paim, sobretudo, na fala do Senador Simon e do Senador Sérgio Zambiasi. Nós temos de fato uma preocupação muito forte com o que está sendo chamado, Senador Simon uma espécie de "desgauchização" de economia gaúcha, eu acho que foi esse um pouco o centro da sua fala. Isso não é nada que repele, digamos, todo e qualquer investimento de fora, mas de fato é natural pelas características, pela natureza de economia, pela história do Estado do Rio grande do Sul que nós viemos a nos preocupar com isto, porque, como referiu o próprio Senador Simon nos parece que aquele modelo que trouxe o Estado do Rio Grande do Sul até esse momento, até esse período, enfim, é um modelo que se esgotou e talvez nós mesmos tenhamos que revisar, recuperar e atualizar as visões e as concepções nossas para que o Estado faça duas coisas que eu acho que é fundamental: Primeiro retomar a capacidade de crescimento e desenvolvimento, e segundo possa seguir sendo um Estado com o mínimo de capacidade de retomar funções públicas que o Estado do Rio Grande do Sul vem perdendo há algum tempo. Eu quero reiterar isso aqui, porque eu acho que é muito importante. E em terceiro lugar, essa questão, esse tema, evidentemente muito colocado aqui pelos trabalhadores que são as questões das suas garantias. Nós, da Assembléia Legislativa, evidentemente também estamos preocupados com esse tema e achamos que este espaço aqui produziu condições hoje para nós construirmos, enfim, acordos e, sobretudo, possibilidade de trabalho em comum na frente exatamente para enfrentarmos essas dificuldades que vivem o Estado do Rio Grande do Sul hoje.

Então, eu queria Senador Paim, demais Senadoras e Senadores em nome da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul dizendo que dentro desses preceitos que estão sendo sinalizados que eu tenho certeza que vão ser encaminhadas aqui a Assembléia Legislativa nem poderia ser diferente é parceira para ajudar a dar esse encaminhamento. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR PAULO PAIM (PT-RS): Eu queria ao encerrar essa reunião das três Comissões, Assunto Sociais, Economia e Direitos Humanos, dizer que foi pedido a mim que talvez eu formulasse um documento e todos fossem signatários do mesmo e assim caminhando para um grande acordo.

Primeiro, eu acho que o documento já está formulado, o documento é a Audiência Pública, esse documento vai para as atas aqui

do Congresso Nacional. E quero aqui no encerramento também dizer que a Comissão de Direitos Humanos pode cumprir esse papel junto com os três Senadores do Rio Grande de fazer o acompanhamento desse debate permanente e nos botarmos à disposição para colaborarmos para que efetivamente tudo que foi aqui colocado seja posto em prática.

Olha, nós estamos participando desse debate desde o domingo à noite quando a notícia começou a circular pelo País e já naquela segunda-feira à tarde eu fui ao Plenário do Senado, depois de conversar com os líderes dos trabalhadores, e dos três sindicatos envolvidos e fiz um pronunciamento na linha, inclusive que eles me orientaram. Posterior a isso, fiz contado com o Senador Simon, Senador Zambiasi e entramos com o pedido de Audiência Pública que está se realizando hoje, mas é importante lembrar que antes da audiência de hoje, foram realizados uma série de Audiências Públicas no Rio Grande do Sul na Assembléia Legislativa, na Câmara de Vereadores, houve conversa lá em Rio Grande, na Câmara Federal, aqui na Câmara dos Deputados e aqui no Senado. Eu tive, eu diria satisfação, de receber no meu gabinete o Presidente dos três setores envolvidos e também os três representantes dos trabalhadores e em seguida fomos ao gabinete do Senador Simon. E nessas conversas que não foram na Audiência Pública, mas eu vou ter que dizer aqui que vai ficar registrado e para mim a Ata é que vale, se assumiu um compromisso e que aqui para mim foi reafirmado, primeiro: Não serão diminuídos os postos de trabalho, não serão diminuídos os postos de trabalho. Ao contrário, pela conversa que eu tive com o Presidente da PETROBRÁS e disse lá e vou dizer aqui, o Dr. Gabrielli disse ele para mim em conversa comigo aqui no Senado e com a presença de outras pessoas que acompanharam: Paim, pode anunciar, eu disse lá vou dizer aqui: Onde você passar que pelo contrário, nós vamos ampliar os postos de trabalho. Não haverá redução de investimento, pelo contrário, vamos investir muito mais. Tanto no pólo de Triunfo como também lá em Rio Grande. Isso tudo eu disse na reunião no meu gabinete e conversamos também na reunião num segundo momento.

Terceiro: E para mim fecha muito bem mais do que qualquer pronunciamento, os sindicatos envolvidos dos trabalhadores participarão de todo o diálogo sobre esse tema. Estarão conversando, dialogando, formando Comissões, nós não faremos nenhuma caminhada que envolva o interesse do Rio Grande, do pólo e conseqüentemente da refinaria que ora leva o nome ainda de IPIRANGA e que envolva o interesse dos trabalhadores e inclusive a arrecadação do Estado, sem passarmos para esses fóruns de muito diálogo.

Eu acho que esses três pontos, eu acho que arredonda a discussão e nós todos saímos dessa reunião, eu quero aqui também dizer, pessoal, eu sei que o papel do movimento sindical é esse e eles fizeram muito bem aqui. Eu sei que senhores entendem isso, o papel é cobrar, buscar caminhos e construir saídas. Eu quando era dirigente

sindical sabe o que eu dizia que nós estávamos em greve? Eu dizia, a greve é incompetência das partes, porque as partes não foram competentes de encontrar uma saída de diálogo suficiente. E aí, claro, que só resta nós ir para a greve como a última alternativa da busca do entendimento.

Eu quero aqui cumprimentar a PETROBRÁS, o GRUPO ULTRA e o GRUPO BRASKEM, porque todas às vezes que nós os convidamos para dialogar sobre esse tema, em nenhuma vez eles vacilaram, em nenhuma vez recuaram, teve gente até que me disse, por que Audiência Pública dia 4? Eu digo: Não, a Audiência Pública nós marcamos, conversamos e vamos fazer. E eles disseram: Tudo bem, estaremos lá. Estão todos aqui, como são os representantes dos trabalhadores.

Eu acho que caminhamos bem, eu quero ficar na linha do otimismo. Eu quero acreditar, eu quero acreditar e sei da responsabilidade da fala desse momento, que essa Audiência Pública será um marco positivo por todas as lembranças que foram feitas pelos três Senadores do Rio Grande e pelos outros Senadores que não vai se repetir, Senador Simon, e V.Exª. fez bem em alertar o que aconteceu no passado, nós só não queremos isso, e por isso V.Exª. muito firme muito tranqüila fez a lembrança histórica, e essa presidência sem nenhuma rasgação de seda deu a V.Exª. o tempo muito maior que dei aos outros, porque V.Exª. é um testemunho vivo da história. V.Exª. me permite, eu tenho dito, do campo onde eu me identifico vamos dizer da centro esquerda é uma das grandes referências que estão a dialogar com a nossa geração. Isso é muito importante. V.Exª. ao fazer a retrospectiva lembra: Muito bem, estamos aqui caminhando em cima de um grande entendimento, mas que não signifique demissão, reduza-se os investimentos no Rio Grande do Sul que todos não queremos, e naturalmente que haja a participação nesse diálogo das entidades dos trabalhadores.

Eu acho que com essa, com esse entendimento final que ficará na Ata dessa Comissão, nós podemos sair daqui acreditando que estamos dando passos positivos na linha, V.Exª. que foi um dos últimos a falar das políticas monetárias. Eu sou muito tranqüilo de dizer, eu não tenho problema nenhum com lucro, quem investe tem mais que ter lucro mesmo. Tanto que eu tenho uma lei que quer que haja a participação dos trabalhadores no lucro da empresa. Ora, se eu fosse contra o lucro, eu não poderia ter uma lei que quer a participação do trabalhador no lucro da empresa. Problema nenhum. Lucro é correto, é justo, não há problema nenhum. Agora a política humanitária, de diálogo permanente, de uma visão que é importante conversar com as lideranças dos trabalhadores, apontando futuro e que esses investimentos permitam que todos nós possamos crescer juntos, que cresçam os investidores, mas que cresçam também os trabalhadores. Que cresça a arrecadação lá, por exemplo, de Rio Grande, ou de Triunfo

que cresça a arrecadação do Estado. Porque, se o investimento não for um sucesso todos nós perdemos.

Então é nessa lógica, eu digo que eu saio meio, eu não digo meio, mas eu saio muito esperançoso, esse é o termo correto, que a esperança ninguém vai me tirar, a esperança eu vou ter sempre. Muito esperançoso que esse... Não é acordo, que a forma como foi colocada aqui com esses três pontos básicos a participação do sindicato dos trabalhadores, novos investimentos e a não diminuição de postos de trabalho aponta um caminho positivo. E essa Comissão de Direitos Humanos claro que vai, junto com os três Senadores do Rio Grande, porque a Comissão ultrapassa os Senadores do Rio Grande, como foi proposto aqui fazer um acompanhamento permanente. Quer dizer que gostei muito da fala dos três, quero dizer o Presidente da PETROBRÁS que aqui assim eu me identificaria, V.Exª. foi muito incisivo falando desse gigante que é a PETROBRÁS. A PETROBRÁS é um orgulho para todos nós sem sombra de dúvida, tanto que eu dizia quando reafirmamos essa Audiência Pública, que seria bom que nós saíssemos daqui, os investidores e os trabalhadores e fôssemos ao Salão Negro ver o quanto que a PETROBRÁS se agiganta perante o mundo e isso é muito bom para nós, é muito orgulho para o povo brasileiro.

Por isso eu encerro essa reunião dizendo: Queira Deus, queira Deus Simon que as experiências do passado não se repitam e que efetivamente os trabalhadores, o Rio Grande e o Brasil ganhem nesse momento da história. Muito obrigado e está encerrada a reunião.

Sessão encerrada às 13h38.